

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos .

**Considerações sobre a repetição na
língua oral e na conversação.** Letras
& Letras, Uberlândia, v. 5, n. 1 e 2, p.
5-61, 1989. ISSN/ISBN: 01023527.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPETIÇÃO NA LÍNGUA ORAL E NA CONVERSAÇÃO

Luiz Carlos Travaglia*

1. INTRODUÇÃO

Ao nos propormos estudar as repetições na língua oral e na conversação tínhamos por objetivo identificar regularidades que atuavam na ocorrência dessas repetições. Nossas observações voltaram-se para as causas e/ou funções da repetição decorrentes da estrutura e características da conversação e também da língua oral de um modo geral. Não nos preocupamos muito com a caracterização formal das repetições. Para realizar o estudo utilizamos o instrumental teórico já estabelecido pela "Análise da Conversação", e que inclui conceitos tais como o de turno, tomada de turno, correção, preferência, etc.

Realizamos inicialmente um estudo prévio com transcrições que fizemos de trechos de dois diálogos do projeto NURC¹ - RJ. A seguir, reunindo as observações feitas com as de RAMOS (1985) e TANNEN (1985)², analisamos um diálogo completo do projeto NURC - SP e reanalisamos os dois trechos anteriormente analisados. O **corpus** desse estudo é, pois, constituído por inquéritos do projeto NURC do tipo D2 (diálogo entre dois informantes) como especificado abaixo:

a) Projeto NURC - RJ, **Inquérito 269** - transcrição de 8 (oito) minutos iniciais. Data do registro: 09.04.1975. Informantes: **locutor 1**: sexo feminino, 55 anos, formada em Belas Artes e Didática, viúva, cartógrafa, professora de Desenho Técnico no estado, carioca; **locutor 2**: sexo feminino, 36 anos, formada em Geografia, casada, geógrafa do IBGE, carioca;

b) Projeto NURC - RJ, **Inquérito 369** - transcrição de 15 (quinze) minutos iniciais. Data do registro: 02.01.1978. Informantes: **locutor 1**: sexo feminino, 56 anos, formada em Comunicação, casada com o locutor 2 há quinze anos, carioca; **locutor 2**: sexo masculino, 56 anos, formado em Direito, advogado, casado há 15 anos com o **locutor 1**, carioca;

c) Projeto NURC - SP, **Inquérito 62**, transcrição dos 87 minutos do diálogo³. Data do registro: 05.08.1972. Informantes: **locutor 1**: sexo

* Professor de Língua Portuguesa e Linguística do Dep. de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Letras pela PUC-RJ e Doutorando em Linguística do IEL/UNICAMP.

1. O Projeto NURC é o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil que estuda a norma culta através do estudo da norma urbana culta em cinco cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Porto Alegre.
2. As relações de nosso estudo com estes dois trabalhos sobre a repetição na língua oral e conversação serão explicitadas no desenvolvimento deste artigo.
3. Vide CASTILHO e PRETI (org.) - 1987:61-99.

masculino, 26 anos. formado em Economia, vendedor, solteiro, paulistano;
locutor 2: sexo masculino, 26 anos, estatístico, solteiro, paulistano.

Os inquéritos NURC - RJ nº 269 e NURC - SP nº 62 são diálogos entre os dois informantes bem próximos de um diálogo natural, pois não se pode esquecer o caráter um tanto artificial criado pela situação de gravação. Já o inquérito NURC-RJ nº 369, não é realmente um diálogo entre os dois informantes (pelo menos no trecho transcrito e analisado), mas uma entrevista dos dois pelo documentador, em que este coloca questões e os informantes (no caso marido e mulher) constroem cooperativamente as respostas ao entrevistador, criando situações de tomada de turno, sobreposição, correções etc. Achamos importante para a análise que fique o mais claro possível, o tipo de corpus utilizado.

Na análise enfocamos as repetições, buscando detectar as razões por que elas ocorrem na conversação e daí qual seu funcionamento.

2. REPETIÇÃO

Se o objetivo é estudar as repetições é preciso desde logo ficar claro o que entendemos por repetições.

Desde o estudo piloto observamos que não poderíamos considerar como repetições apenas as repetições "ipsis verbis". Incluímos, então, repetições onde havia reestruturações e/ou modificações de diversos tipos que buscamos especificar adiante. Incluímos também repetições através de sinônimos como o caso do exemplo (1) abaixo, mas, na segunda fase do estudo, eliminamos este tipo por incluí-lo dentro da paráfrase que descartamos como repetição a ser enfocada neste estudo.

(1) L1 - apesar de ser muito inibida... e::: não ter oportunidade de viajar muito eu gosto de conhecer pessoas... andar com as pessoas... adoro a juventude... pra mim seria horrível viver só entre adultos... gosto muito também de ()... a prova é que eu tenho dois netos assim que são completamente gamada por eles.

L2 - netos ((riso curto que se encadeia com o de L1 e D))
[(vidrada)

L2, e L1 - (Riso rápido)

(NURC - RJ/269)⁵

4. TANNEN - 1985 chama essas repetições de precisas.

5. a) L1 = locutor 1, L2 = locutor 2, D = documentador

b) As convenções de transcrição são do Projeto NURC. Vide CASTILHO e PRETI (org.) - 1986:15, 16 ou 1987:9, 10.

c) Indicaremos sempre o inquérito de onde o exemplo foi extraído. No caso do inquérito 62 do NURC-SP, publicado em CASTILHO e PRETI (org.) - 1987 indicaremos também as linhas em que o exemplo aparece nesta publicação, assim: NURC-SP/62:20-25.

RAMOS - (1985:8, 9) define repetição como "a ocorrência do mesmo conjunto de palavras, duas ou mais vezes, recebendo a mesma interpretação semântica" e Por "conjunto de palavra" entenda-se a ocorrência de uma ou mais palavras, constituindo um sintagma completo ou incompleto". Nosso conceito de repetição deverá ser mais amplo, já que admitimos como repetição o "mesmo conjunto de palavras" com reestruturações. RAMOS, à mesma página, também coloca que ocorrências repetidas de "palavras gramaticais (artigos, preposições, conjunções, etc.) e termos característicos de interação no discurso (sabe, né, entendeu, etc.) não serão considerados, exceto quando estiverem contíguos". Neste caso adotamos o mesmo critério.

TANNEN (1985:12, 13, 30, 31, 34 e 41) coloca o que considera repetição, a saber:

a) a **repetição precisa** (que seria para ela um fenômeno relativamente raro) da mesma idéia expressa pelas mesmas palavras com padrão entonacional e qualidade de voz similares;

b) **repetições parciais** ou com transformações ou variações em que se teria significado similar expresso com palavras e/ou padrões entonacionais levemente, significativamente ou inteiramente diferentes. No caso de palavras totalmente diferentes ter-se-ia a **paráfrase** que ela exclui de seu estudo porque a paráfrase não apresenta a automaticidade central para a análise que ela faz da repetição como evidência do caráter formulaico da língua. Entre as repetições com transformações considerou aquelas em que uma afirmação se transforma em questão e vice-versa e aquelas em que se muda o tempo, a pessoa;

c) entre as repetições incluiu o que chamou de "**ritmo padronizado**" em que palavras completamente diferentes são enunciadas no mesmo paradigma sintático e rítmico de um sintagma ou frase precedente. Aqui um "padrão sintático é repetido com palavras parcial ou totalmente diferentes, mas ritmo e entonação similares". Um dos exemplos que ela dá à p. 30 é transcrito a baixo com o número 2.

(2) Here's Columbus Circle, here's Central Park West.

Em nosso estudo não consideramos este tipo de repetição.

TANNEN (1985: 20, 21) coloca um tipo de repetição que, para nós, só se explica através da causa número 49 (Veja 3.2.5 adiante) em função do tópico ou assunto daquele trecho da conversação. No seu exemplo, transcrito abaixo com o número três, ela diz que, na fala 5, Peter diz o sintagma "eat a lot", combinando "eat" que ele toma à fala 2 de Deborah com "a lot" que toma à fala 1 de Chad. Dessa forma Peter construiria seu enunciado com partes do discurso precedente.

(3) 1 - Chad: /?/ I go out a lot

- 2 - Deborah: I go out and eat. /?/
- 3 - Peter: You go out?
- 4 - Deborah: /?/
- 5 - Peter: The trouble with ME is if I don't prepare and eat well, I eat a lot... Because it's not satisfying. And so (a fala continua).

OBS: O sinal /?/ indica transcrição incerta.

Deve ficar claro que, neste estudo, consideremos como **repetição** a ocorrência duas ou mais vezes de um mesmo segmento (palavra, sintagma, oração, frase etc.) completo ou incompleto, com o mesmo sentido (portanto não homônimos). Assim sendo, tomamos como repetições neste estudo as **repetições de forma** (total ou parcial) e de **conteúdo ao mesmo tempo**. Repetições só de forma (homônimos) ou só de conteúdo (paráfrase) não foram consideradas e enfocadas, ficando como objetos para outros estudos. Os segmentos com mais de uma palavra podem se repetir na íntegra, com as mesmas palavras e mesma entonação, ritmo etc. ou podem apresentar reestruturações (modificações, transformações, etc.) dos mais diversos tipos (vide adiante). Assim considerou-se no estudo os seguintes tipos de repetição:

a) a **repetição integral** (ou precisa de TANNEN - 1985) em que temos a(s) mesma(s) palavras(s) com a mesma entonação, ritmo, qualidade de voz etc. (veja ex. 4).

- (4) L1 diz que lá é bastante agradável sabe?
... e o clima inclusive é **multo mais regular que aqui... multo mais regular que aqui...** a gente às vezes tem vontade né? de fugir um pouco desse clima né? que você acha colega?
(NURC-SP/62;134-138)

b) a **repetição com modificações** dos mais diversos tipos, tais como:

b.1 - mudança da pessoa e/ou número e/ou tempo e/ou aspecto e/ou modo e/ou voz do verbo;

b.2 - mudança no gênero e/ou número de substantivos e seus determinantes.

b.3 - troca da força ilocutória (passagem de afirmativa a interrogativa ou vice-versa etc.);

b.4 - acréscimo ou retirada de palavras tais como: intensificadores, modalizadores, palavras que estavam elípticas, verbos auxiliares dos mais diversos tipos, palavras para restringir ou ampliar o alcance de outras, etc.

b.5 - troca de preposições, conjunções, etc.

b.6 - troca de recurso entonacional por recurso lexical ou vice-versa. Como em NURC-RJ/369: LIN:: da.../mas linda **mesmo**;

b.7 - substituição de uma ou mais palavras do segmento por outra (sinônimo ou não). Como em concreto armado/cimento armado (NURC-SP/62:127 e 129) foi calor/fez calor (NURC-RJ/369);

b.8 - troca de palavras por outras equivalentes de mesmo radical ou raiz: **tendente/com tendência** (NURC-RJ 369), ... o que nós precisamos para o **desenvolvimento?** a começar... a **desenvolver** as indústrias de base... (NURC-SP/62:1027-1029);

b.9 - reestruturações sintáticas;

b.10- outros tipos de modificações.

c) **Repetição de marcadores e palavras gramaticais** somente quando contíguos, como nos exemplos (5) e (6) abaixo. Veja também as repetições de **que**, **pela** e **com** no exemplo (7) e de **você** no ex. 8 (ocorrências em negrito). A repetição desses elementos pode, obviamente, ser integral ou com modificações.

(5) L1 não o clima acho que é::(tem uma)

[
entende?... () **essencial para o::para o desenvolvimento de::de** certos afazeres inclusive eu acho você vê esse problema de gravata... é até anti-higiênico você vê às vezes não enfrentamos calores de trinta graus você que sai de casa de manhã... não podendo voltar... hora do almoço... então você fica o tempo todo até vir a noite para uma escola qualquer curso ou qualquer coisa... com aquela mesma roupa aquela gravata suANdo entende?... eu imagino um indivíduo que trabalha na rua... andando... se locomovendo que::... soa muito mais do que a gente que fica dentro de um escritório às vezes tendo ar condicionado às vezes não... a dificuldade que deve ser entende?... então tem éh::... o paulistano é mais fechado mesmo eu acho que::uma das influências seria a natureza e o nosso próprio clima entende?

L1 é o clima tem realmente uma uma influência diREta **no no** comportamento da pessoa inclusive nas atitudes

(NURC-SP/62:157-175)

(6) L2 **certo certo...** e você pretende continuar com isso?

(NURC-SP/62:324).

As repetições de marcadores conversacionais⁶ quase sempre têm como motivo o reforço.

Além do já colocado, fazemos a seguir algumas considerações sobre tipos de repetições que não tomamos como objeto deste estudo.

6. Sobre marcadores conversacionais vide MARCUSCHI (1986 e 1987).

A repetição de “**ritmo padronizado**” levantada por TAN-NEN (1985) não foi considerada aqui, embora houvesse vários exemplos nos diálogos analisados (vide exs. 7 e 8). A sua não inclusão se deve ao fato de que, para nós, esse tipo de repetição tem a ver mais com a coesão do texto oral⁷ do que com motivações interacionais na conversação decorrentes da estrutura e características da conversação e da língua oral de um modo geral que são a nossa preocupação básica aqui. Além disso é a repetição apenas de uma estrutura sintática e uma estrutura rítmica, ou seja, apenas de forma, e uma forma abstrata, não se encaixando no critério que ficou acima estabelecido.

- (7) L1 a gente fica até mais alegre... você não acha?
 [mais alegre ((risos e vozes))...
 L2 o dia que faz as quatro estações no mesmo dia:... é horrível né? você sai de manhã às vezes você sai agasalhado... na hora do almoço você precisa sair um pouquinho para ir fazer qualquer negócio seu particular.... está com um roupão lá um calor tremendo aí você **tira a gravata tira isso...** chega a tarde... **aquela chuva aquele frio...** profissionalmente para mim não... agora você não sei você tem carro não sei qual é o seu problema se você sente essas dificuldades que eu sinto você só deve sentir no trânsito... e **que que que** você acha?
 L1 éh poderia ser... mas eu ralmente não trabalho **com com** automóvel... **pela pela** própria dificuldade que você tem de se locomover no trânsito... então o tempo para mim é:... imprescindível que ele seja bom... certo? para poder... me deslocar e inclusive render muito mais no serviço...
 L2 melhor bate papo melhor né? dá mais ânimo né?...
 L1 fica **mais alegre... mais feliz** né? ((risos))... então é **mais fácil** ((risos))
 (NURC-SP/62:30-50)
- (8) L2 você sempre teve idéia quando estava... porque normalmente você vê um garoto:: hoje em dia ele está estudando né?... o pai já chega fala “ah:: **meu filho vai ser... médico meu filho será engenheiro será isso**” **você... você** sempre teve:: na sua mente quando você fazia ginásio... científico... essa coisa você já... pensava...
 (NURC-SP/62:343-348)

7. Para KOCH (1988:5) esse tipo de repetição seria um recurso de coesão seqüencial sendo um mecanismo de seqüenciação por recorrência.

As repetições de ritmo padronizado quase sempre criam um efeito lista que pode resultar em diferentes efeitos significativos, dando às repetições de ritmo padronizado razões expressivas para seu uso, tais como sugerir confusão e desordem, rapidez de movimento, completude (vide colocações e exemplos de TANNEN - 1985:30-33).

As repetições por paráfrase também não foram consideradas aqui porque seu uso tem a ver mais com a coesão do texto (vide nota 7) e com estratégias argumentativas em que o falante parafraseia a si mesmo ou ao interlocutor para reorientar argumentativamente o que foi dito de modo a favorecer o que quer colocar, defender, refutar, etc. No exemplo (9) temos um curto trecho de paráfrase, cujo objetivo parece ser o reforço da idéia, apresentando-a sobre outra forma para opor mais fortemente a postura do americano (o termo se repete) à do brasileiro. Além disso repetições parafrásticas são só de conteúdo, o que não atende o critério colocado para a inclusão de uma repetição como nosso objeto.

- (9) L2 bom mas diz que::... no Estados Unidos é assim... diz que o indivíduo ele::... ele paga trinta anos... então ele não tem aquela preocupação que NOS brasileiros temos... o brasileiro tem aquela preocupação de ter a casa própria dele... então ele quer ter LOGo... certo? então você quer ter a sua casa própria logo em tempo curto... então diz que **o americano não liga para isso o americano ele não quer saber...** ele sabe que ele vai pagar trinta anos e:: seria como um aluguel... éh diz que agora... estão partindo para isso diz que o BNH está financiando a... prazo a perder de vista mesmo entende?

L1 uhn uhn...

(NURC-SP/62:1161-1172)

Como já dissemos anteriormente não consideramos **as repetições de marcadores conversacionais e de termos gramaticais quando não contíguos**. Este tipo de repetição dos marcadores quase sempre tem a ver com o estilo pessoal do falante, como se pode observar pelas várias ocorrências do marcador "né?" nas falas de L2 nos exemplos (7) e (8). Isto pode ter origem em razões psicológicas como, por exemplo, neste caso, uma provável necessidade de constante ratificação e apoio do interlocutor. Seria talvez o funcionamento do princípio de preservação das faces (auto-imagem pública) como proposto por MARCUSCHI (1987:3 e 4). Aqui, da face positiva (o desejo de aprovação e reconhecimento de sua "personalidade" e vontade). Se observarmos o diálogo como um todo, notamos que L2 está sempre interessado em saber a opinião de L1^o. Como se pode ver em MARCUSCHI (1986 e 1987), os marcadores têm funções bem determinadas; mas seu uso reiterado parece que tem a ver com o

8. Isto tem provavelmente a ver com a causa nº 49 de repetição apresentada mais adiante.

falante através de motivações psicológicas em sua vida ou em uma conversação em particular, conforme o falante se sinta seguro ou inseguro em relação ao interlocutor, interessado ou não no que ele diz, concordando ou discordando dele na maior parte daquilo que ele coloca etc. As repetições dos termos gramaticais (artigos, preposições, conjunções, pronomes, certos advérbios) quando não contíguos, também não foram considerados porque podem ser simplesmente casuais ou devidas a um paralelismo estrutural, que pode ou não ter a ver com o ritmo padronizado, mas que certamente tem a ver com a coesão textual. Veja para exemplo as repetições de "que" em "diz que" e as várias repetições de "ele" no exemplo 9 e de "você" e "mais" no exemplo (7).

Também não consideramos as **repetições feitas através de sinônimos**, mesmo quando contíguos, por serem recursos antes de tudo coesivos⁹. Veja, no exemplo (1), a repetição de "gamada/vidrada" e a repetição de marcadores conversacionais sinônimos no exemplo (10). Como, para nós, as repetições por sinônimos são paráfrase, valem aqui as observações feitas na repetição por paráfrase.

- (10) Doc. bom o:: vocês poderiam no caso falar então de início para nós né?... se o CLima de São Paulo... que é um clima assim um pouco...((risos)) confuso ((risos))... afeta por exemplo a vida de um dos dois... então vocês conversando gostaria que vocês falassem assim sobre o clima... é um... é um... pouquinho chato mas vamos ver se dá né ((risos))
- L1 certo... exato... bom colega você::... sabe que dentro da profissão... principalmente:: no caso da minha que o clima:: influencia bastante... que evidentemente é... eu faço um serviço de RUa... e um mau tempo:: um tempo chuVOso:: ou mesmo um tempo frio... atrapalha o:: no meu serviço... e me difiCULta de uma certa forma::... para eu poder... pegar as conduções é mais difíciloso é aquele corre-corre... então isso realmente atrapalha um pouco... aliás eu diria que tra/atrapalha até bastante... é preferível:: muito mais você trabalhar com:: um sol bonito::... um tempo mais agradável mais ameno... e na sua como é que:: tá?
- (NURC-SP/62:1-18)

Um caso interessante de repetição com sinônimos é a repetição com sobreposição, pois revela, através de uma antecipação do que o outro vai dizer, o produzir colaborativo¹⁰ do texto conversacional. Apesar de não dizerem a(s) mesma(s) palavra(s) os interlocutores dizem, ao mesmo

9. Veja HALLIDAY e HASAN (1976) e KOCH (1988).

10. MARCUSCHI (1987:18) distingue entre *cooperar* (agir dentro dos pressupostos racionais dos empreendimentos mútuos) e *colaborar* (agir de acordo com a natureza substantiva das demandas conversacionais).

tempo, aproximadamente a mesma coisa, tendo um deles antecipado o que o outro ia dizer. Nas repetições com sobreposição o conhecimento partilhado tem um papel fundamental. Vejamos alguns exemplos.

- (11) L2 -----
 qual é a sua atividade antes de vir para a faculdade e tudo o que você faz?
 L1 bom você vê é:: normal aquilo né?... levanta-se cedo...vou lá para o meu serviço quando é mais ou menos nove e meia... já estou na rua né? visitando os clientes... então eu faço esse serviço de de visitas... até mais ou menos o meio-dia que é o horário de almoço... depois eu tiro aí um:: uma hora e meia... duas horas para almoçar... não tem assim rigidez no horário pode ser assim meio flexível... depois à tarde volta aquele mesmo serviço certo? de atender os clientes éh:: ora mostrando os equipamentos ora fazendo demonstração... eh ora levando eles na nossa filial e:: mostrando o equipamento *in loco*... isso até o horário de vim para a escola (certo?) quando chega a noite... mais ou menos seis e meia eu já estou por aqui tomo um lanche e depois já vou para a aula né?... (e lá assim para as) dez e vinte mais ou menos já estamos saindo felizes descansados e tal
 L2 [**satisfeltos** né?... as aulas excelentes ((risos))
 (NURC-SP/62:100-119)
- (12) L1 dizem né? — você vê — dentro da profissão do vendedor... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo... éh Olto horas em contato direto com os clientes... uma coisa::... realmente difícil... então a gente inclusive::... pede para que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo?... e procure almoçar... no seu território de trabalho... por ali mesmo em vez de ter que se deslocar de um território de trabalho para sua ca::sa...
 L1 [**para a sua residência**... para voltar::... isso acarreta muita perda de tempo...
 (NURC-SP/62:231-241)

O fato de não considerarmos vários tipos de repetição por serem recursos coesivos não se deve só ao fato de serem recursos coesivos, mas recursos coesivos também da língua escrita e portanto não decorrentes apenas da estrutura e características da língua oral e da conversação em particular em termos interacionais. Ou seja, é preciso ficar claro que muitas repetições se explicam por razões de coesão textual e que isto é uma causa da existência de repetições, mas não só na língua oral como veremos mais adiante.

O tipo de **repetição** constituído pela **retomada de um referente** através de diversos SNs (sintagmas nominais) distintos e/ou de pronomes e/ou de Ø (caracterizando a elipse) é também um recurso coesivo não só da língua oral, mas também da escrita (vide nota 9) e não foi por nós considerado a não ser no caso que RAMOS-1985 chamou de "repetição reconstituidora I" que visa tornar contíguos os constituintes dentro da sentença. Nosso objetivo, ao considerar esse tipo de repetição, foi verificar se ela ocorria em diálogos entre duas pessoas, (vide causa nº 25 adiante). Esse tipo de repetição não foi considerado neste estudo também por ser uma repetição apenas do conteúdo, fugindo, portanto, ao critério estabelecido para tomar uma repetição como nosso objeto.

Formalmente não nos preocupamos com os fatores tomados por RAMOS (1985:10) (local de ocorrência da repetição: posição da primeira e segunda ocorrências; observação do contexto onde a ocorrência se insere e correlação do segmento com o tópico discursivo e relação semântica do segmento repetido com o tópico da seqüência posterior). Utilizamos algumas categorias formais para os casos em que elas se faziam pertinentes e algumas delas já foram aqui arroladas. Vamos vê-las um pouco mais reunidas.

A repetição pode ser **contígua** ou **não-contígua**. Os dois tipos podem surgir por causas diferentes ou pela mesma causa e ter as mesmas funções ou não. Quando a repetição é não contígua os elementos que vêm inseridos podem ser constituídos por uma palavra ou vários turnos, dependendo da natureza do elemento inserido e do elemento que se repete. Uma "repetição atualizadora de cena"¹¹, por exemplo, pode ocorrer vários turnos após a primeira ocorrência. O elemento inserido pode ter várias funções: ser uma refutação do interlocutor ao que o falante dissera e que este retoma, reafirmando sua posição; explicações, esclarecimentos e opiniões do próprio falante ou do interlocutor; pedidos de esclarecimentos de qualquer um dos dois; inserção de um subtópico; mudança de foco narrativo; alteração de tópico por associação, digressão etc.; colocações com o intuito de dar coerência argumentativa ao que o falante está dizendo.¹² No exemplo (16) adiante o locutor 1, por exemplo, faz uma longa inserção entre a terceira e a quarta ocorrências da palavra "folha" para realçar argumentativamente a característica do outono de mudança de cor das folhas em contraste com a primavera e o verão. Para isso ela faz uma ligeira mudança de tópico, retornando ao que estava dizendo no início do turno e repetindo a palavra "folhas".

Outra forma interessante de repetição é a **repetição com sobreposição total** (vide exemplos 13 e 14) ou **parcial** (vide exemplo 15 abaixo

11. Vide RAMOS (1985:16).

12. RAMOS - 1985:14, 15 dá algumas dessas funções dos elementos inseridos.

e exemplo 40 na causa 21). A repetição com sobreposição parcial corresponde ao que TANNEN (1985:15-19) chama de "shadowing" (sombreamento) e é o processo pelo qual um falante repete o que o outro está dizendo um pouco atrás, como se repetisse o que está ouvindo. A repetição pode ser integral ou com modificações. Este tipo de repetição mostra-se como uma evidência de que o texto conversacional é uma co-produção dos interlocutores que agiram, mais do que cooperativamente, colaborativamente no sentido de MARCUSCHI (1987),¹⁰ a ponto de antecipar o que o outro vai dizer, falando junto com ele (sobreposição total) ou concordar com ele : "como uma sombra". (sobreposição parcial).

- (13) L1 bom... im:: Amsterdá nós pegamos neve...
 L2 [**pela primeira vez**
 [**pela primeira vez**
 (NURC-RJ/369)
- (14) D O senhor não estranha:: va é... o fato de... de se prolongar tanto assim (um) dia?
 L2 bom... estranha:: va... estranha:: va de fato porque isso aqui... no Brasil... não é comum... aqui o máximo qui::: o dia se prolonga é até:: as:/
 L1 **sete horas**
 L2 [**quarto pras sete sete horas... não é? (é) o máximo.**
 L1 o máximo
 (NURC-RJ/369)
- (15) L1 é... Munique faz um frio horrível
 L2 frio mesmo... da pessoa tê/que se agasalhá/cum:::... sobre [tu:do i:::....
 D [já era ou **tono?**
 L1 [era outono*
 L2 go::rro na cabeça
 (NURC-RJ/369)

*Essa troca de falas entre D e L1 foi produzida mais baixo e meio paralelamente ao que L2 falava.

É interessante observar que em nosso corpus encontramos muito mais exemplos de repetição com sobreposição total do que exemplos com sobreposição parcial que foram em número bem reduzido.

Formalmente, como já vimos, podemos ter as **repetições integrais** (em que o falante repete "ipsis verbis" o que o outro ou ele mesmo disse com a mesma entonação e qualidade de voz) e as **repetições com modificações**.

Já comentamos sobre as **repetições através de equivalentes** (sinônimos, pronomes, cognatos, SNs completamente diferentes mas com o mesmo referente) e como as consideramos neste estudo.

O último tipo de repetição que achamos interessante ressaltar é o que chamamos de **repetição com truncamento** em que, por hesitação¹³, o falante corta um item lexical, mas a seguir o diz completo. Exemplos:

- (16) D todo mundo diz que o outono europeu é muito bonito porque **você vê/você verifica**¹⁴ na rua...
- L1 as folhas caindo... a muDANça TOTAL de COR das folhas... as folhas... éh... nós tínhamos estado na primavera... e no começo do verão... então tinha FLO::RIS... era lindo né::?... era lindo... a pri/ em (setenta e seis) quando nós fomos... a ITÁLIA na ESPANHA...CO::mo tinha flor nas sacadas dos edifícios... parecia tudo um jardim sabe?... agora eu tou notando aqui nos:: nos edifícios... as sacadas... tá se usando muita flor mas lá naquela época já tinha à beça... e quando nós fomos... agora a segunda vez... era exatamente ao contrário... então a Floresta Negra de negra não tinha mais nada... tava assim:: TOda marrom... as folhas eram (trecho falado com um riso leve)
todas castanhas... era uma coisa LIN:: da... mas linda mesmo... sabe? nota-se uma diferença muito grande
((mais rápido))
por isso prá nós aqui é::...há essa essa disparidade... que nós não temos aqui... num é?... essa diferença tão grande as... as folhas caem também e tudo mas num há essa diferença... o qui eu acho qui... qui qui nós num::... temos uma impressão:: (essa que eu já disse) o verão deles é o:: inverno da gente.
((mais baixo))
(NURC-RJ/369)

- (17) L2 certo... e que que você acha dessa **polui/poluição** que tanto falam... que vão controlar vão fazer isso vão criar a área metropolitana o que que você acha?
- L1 estão **control/controlando** a poluição do ar agora né?... ((riu)) e:: o avanço da tecnologia né? provavelmente deve ter descoberto aí... éh:: qualquer técnica que vai:: ajudar a::... controlar essa poluição do ar...
(NURC-SP/62:176-182)

13. Não encontramos, em nosso corpus, exemplo desse tipo de repetição devido a outras razões.

14. Somente ouvido a gravação pode-se constatar que não temos a seqüência de "você vê, você verifica", mas sim um corte com uma espécie de golpe glotal do verbo "verificar" seguido da elocução completa dessa palavra.

- (18) L2 você vê o: o:: o: o Altair Lima ele é... arriscou está certo... ele arriscou ele... pôs tudo:: segundo declaração dele não sei se são demagógicas ou não ele pôs... tudo que ele tinha na montagem da peça *Hair*... poderia chegar aqui... não vai mon/não vão... a censura não deixa montar e está acabado... que ele aplicou ele vai para o... saiu muito bem... dizem que nessa que ele montou agora já não está... tendo a mesma aceitação que que teve o *Hair*... *Jesus Cristo Superstar* entende?... então que o que que você vê? o indivíduo joga arrisca... você vê é é mais fácil fechar teatro que abrir... hoje em dia fecha mais teatro do que abre...

(NURC-SP/62:1290-1301)

Creemos ter levantado aqui os aspectos formais das repetições que são pertinentes para o estudo que nos propusemos fazer. Evidentemente outras caracterizações podem ser ou foram feitas em função de propósitos outros.

A seguir propomos uma **classificação das repetições** de acordo com 05 (cinco) critérios. Como alguns dos tipos já foram comentados anteriormente, o quadro classificatório contém algumas informações já arroladas, mas esta repetição nos pareceu inevitável para apresentar com clareza a classificação.

2.1. Primeiro critério: a modalidade da língua.

2.1.1. **repetições da língua oral**; isto é, aquelas decorrentes de fatos diretamente ligados à estrutura e características da língua oral de um modo geral e da conversação em particular. (Vide causas/funções de nºs 3, 4, 8 a 18 e 20 a 42 no item 3);

2.1.2. **repetições não exclusivamente de língua oral**, isto é, aquelas não decorrentes dos fatos apontados em a acima. Essas repetições ocorrem também na língua escrita pelas mesmas razões que aparecem na oral (vide causas/funções de nºs 1, 2, 5, 6, 7, 14, 19 e 43 a 49 no item 3).

2.2. Segundo critério: a relação entre os dois interlocutores:

2.2.1. **repetições interacionais** - aquelas decorrentes da consideração, ao falar, do outro, da relação com o outro (vide causas/funções de nºs 3, 4, 5, 8, 9, 14, 17, 18, 20, 22, 23, 26 e 28 a 42 no item 3).

2.2.2. **repetições não-interacionais** - aquelas que não decorrem da consideração do outro da relação com ele ao falar (vide causas/funções 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 21, 24, 25, 27 e 43 a 49 no item 3).

2.3. **Terceiro critério: quanto ao primeiro produtor do segmento que se repete.**¹⁵

15. RAMOS (1985) parece ter tratado apenas de repetições do falante por si mesmo. TANNEN 1985:13, 14 diz que "repetição e variação pode tomar a forma de auto-repetição e repetição do outro".

2.3.1. **auto-repetição**: quando o falante repete a própria fala, o que ele mesmo disse. (vide causas/funções de nºs 1 a 25 e 42 a 49 no item 3).

2.3.2. **hétero-repetição**: quando o falante repete a fala do interlocutor, o que o outro disse (vide causas/funções de nºs 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 19, 26 a 42, 48 e 49 no item 3).

2.4. **Quarto critério**: formal

2.4.1. Quanto ao que se repete:

2.4.1.1. **repetição integral**: em que a(s) mesma(s) palavra(s) com a mesma entonação, ritmo, qualidade de voz, etc. é (são) repetida(s). Parece não ser freqüente;

2.4.1.2. **repetição com modificações** dos mais diversos tipos: mudança da pessoa e/ou número e/ou tempo e/ou aspecto e/ou modo e/ou voz do verbo; mudança no gênero e/ou número dos substantivos e seus determinantes; troca de força ilocutória; acréscimo, retirada ou troca de palavras no/do segmento; troca de recurso entonacional por recurso lexical e vice-versa; reestruturações sintáticas, etc. Alguma coisa do segmento permanece, apesar das modificações;

2.4.1.3. **repetição com truncamento** em que o segmento que se repete (quase sempre uma palavra), na sua primeira ocorrência, não é pronunciado por completo.

2.4.2. Quanto à distância entre os segmentos que se repetem:

2.4.2.1. **repetição contígua**: quando nada é intercalado entre as ocorrências do segmento que se repete;

2.4.2.2. **repetição não contígua**: quando se insere algo entre as ocorrências do segmento que se repete. O elemento inserido pode ser constituído por uma palavra ou vários turnos, frases, etc., dependendo da função do elemento inserido e do elemento que se repete.

2.4.2.3. **repetição com sobreposição**: é sempre uma hétero-repetição em que o falante diz o mesmo que seu interlocutor e ao mesmo tempo. Pode ser **total** se os dois falantes falam o mesmo segmento ao mesmo tempo ou **parcial** se um falante repete o que o outro está dizendo um pouco atrás, como se repetisse o que está ouvindo.

2.5. **Quinto critério**: quanto à motivação e/ou função da repetição.

2.5.1. **Textual**: a repetição está diretamente ligada ao estabelecimento da coesão textual (vide causas/funções de nºs 1, 2, 48 e 49 em particular e todas as demais no item 3).

2.5.2. **Psicológica ou sócio-psicológica**: repetições decorrentes de fatores psicológicos, sócio-interacionais (vide causas/funções de nºs 3, 4, 5, 29 a 37, 38 e 49 no item 3);

2.5.3. **Semântica**: quando a repetição se destina precipuamente a criar efeitos de sentido tais como reforço, intensidade (vide causas/funções de nºs 6, 44, 46 e 47 no item 3), completude, confusão, rapidez, etc.

2.5.4. **Argumentativa**: quando a repetição visa obter efeitos argumentativos, ou reorientação argumentativa do que foi dito, tais como: fazer valer ou restabelecer uma posição sobre algo, refutar algo, enfraquecer a

posição ou colocação do outro, etc. (vide causas/funções de nºs 12, 18, 28 e 40 a 44 no item 3);

2.5.5. **Comunicativa:** quando a repetição visa facilitar a compreensão da mensagem. Em princípio toda repetição tem essa função, mas algumas a têm em primeiro plano (vide causas/funções de nºs 12, 19, 24, 25 e 45 em particular e todas as demais no item 3);

2.5.6. **Informacional:** quando a repetição ocorre por razões ligadas ao tópico do discurso ou de parte dele (vide causas/funções de nºs 12, 27, 39, 45, 48 e 49 no item 3);

2.5.7. **Cognitiva:** quando a repetição ocorre devido a funções ligadas à produção e compreensão do discurso oral (vide causa/função de nº 8). Praticamente todas as repetições têm primordialmente ou não um papel cognitivo. De acordo com o papel ou função cognitivo(a) que exerce a repetição pode ser:

a) **esclarecedora:** vide causas/funções de nºs 9, 12 e 15 no item 3;

b) **planejadora:** vide causas/funções de nºs 10, 11, 13, 29-a e 34 no item 3;

c) **reparadora ou corretora:** vide causas/funções de nºs 21, 28, 30 e 31 no item 3.

d) **ratificadora:** vide causas/funções de nºs 16, 18, 20, 26, 29a, 29b, 32, 33 e 35 no item 3;

e) **alternadora de turno:** vide causas/funções de nºs 22, 23 e 36 no item 3;

f) **atualizadora:** vide causas/funções de nºs 14, 17 e 19 no item 3;

g) **reconstituidora de estruturas:** vide causas/funções de nºs 24 e 25 no item 3.

A observação das repetições quanto à motivação nos permite estabelecer aí três grandes grupos:

a) repetições ligadas mais diretamente à organização lingüística do discurso: 2.5.1 e 2.5.7. g;

b) repetições ligadas mais diretamente à manifestação do eu e do outro; à presença deles no discurso: 2.5.2, 2.5.7 e;

c) repetições ligadas mais diretamente à organização semântico-pragmática do discurso¹⁶: 2.5.3, 2.5.4, 2.5.5, 2.5.6, 2.5.7 (a, b, c, d, f).

É importante lembrar que essas categorias de repetição (sobretudo as de 2.5) são do tipo que se tem chamado de "categorias problemáticas", isto é, categorias que não se excluem mutuamente. Desse modo nada impede que uma repetição tenha motivações diversas desempenhando simultaneamente funções, por exemplo, textuais, psicológicas, argumentativas e cognitivas.

16. Poderíamos também dizer: ao estabelecimento da coerência textual, mas a coerência abrangeria também os grupos a e b.

É importante anotar que as repetições participam dos três processos constitutivos básicos da língua falada: a construção, a descontinuidade e a reconstrução.¹⁷ Na construção a repetição se liga, por exemplo, à tematização quando se faz uma repetição para indicar o tema da seqüência seguinte ou quando as repetições têm a ver com o tema ou tópico discursivo do trecho ou da fala como um todo. Pode ter a ver com o monitoramento quando o falante repete para verificar se ouviu bem, confirmar se foi compreendido, etc. A repetição por hesitação tem a ver com o planejamento para construção do texto oral. A repetição se liga à descontinuidade, por exemplo, na hesitação e no truncamento. Na reconstrução, a repetição funciona, por exemplo, na auto-correção, e na correção do outro. A seguir passamos a focar mais especificamente as causas de ocorrência das repetições na língua oral e na conversação.

3. CAUSAS OU FUNÇÕES DAS REPETIÇÕES

Como já dissemos, nosso objetivo básico neste estudo foi detectar as causas da ocorrência de repetições na língua oral, particularmente na conversação tal como definida na Análise da Conversação¹⁸ numa perspectiva interacional. O termo causa deve ser entendido aqui não num sentido restrito, mas num sentido amplo de "razões", "motivações", "papéis" ou "funções" exercidas pelas repetições. O estudo, todavia, foi um pouco além desse propósito central, pois, evidentemente muitas repetições encontradas ocorriam em virtude de funções-causas não diretamente ligadas à especificidade da interação conversacional e tivemos que lidar com elas.

A classificação das repetições quanto à motivação e/ou função da repetição (Cf.2.5), mostra que as causas das repetições podem ter diversas naturezas as quais podem gerar estudos com enfoques distintos reveladores de aspectos importantes da questão da repetição, que, provavelmente, se complementam e explicam, independentemente ou em inter-relação, fatos que um único enfoque não poderia explicar. Esses enfoques diferentes certamente geram classificações e agrupamentos diferentes das repetições. Assim, por exemplo, RAMOS (1985), adotando o ponto de vista do receptor, faz uma abordagem tomando por base a função comunicativa que ela define à pág. 10: "procurei identificar se a repetição tornou o enunciado mais acessível a estratégias de processamento ou se, através da redundância, possibilitou neutralizar os efeitos de limitações de desempenho decorrentes de limitações de memória ou falhas de atenção". Dessa forma cria dois grupos de repetições: as que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar enunciados

17. Estes três processos foram propostos por CASTILHO (1988).

18. Vide MARCUSCHI - 1986: cap.3.

falados, e as que não o fazem. Já TANNEN (1985) está mais preocupada em mostrar o caráter formulaico da língua de que a repetição seria uma manifestação espontânea na conversação. Assim, embora indique várias causas da ocorrência das repetições, não se preocupa em fazer agrupamentos e classificações, nem com um aspecto específico como o comunicacional do estudo de RAMOS (1985) ou como o conversacional e interacional que é preocupação básica aqui.

A mesma repetição pode preencher várias funções e, portanto, ter várias causas. Isto representa um problema para a análise, porque o analista, conforme seu objetivo, pode ver apenas uma ou, detectando várias, tem de resolver onde encaixar aquela instância de repetição ou ainda pode ter que decidir se há ou não várias causas e, se há, quais. Essas questões são problemáticas também para a quantificação, quando se deseja estabelecer proporções de ocorrência entre cada tipo funcional de repetição. É por isso que só nos limitamos a indicar o número total de repetições no corpus analisado e o número de casos de cada tipo encontrado nesse corpus. Após elencar as causas de repetição damos alguns exemplos de repetições que preencheriam diversas funções.

Ainda com relação à identificação das causas é preciso ressaltar a importância da entonação, porque em muitos casos só a prosódia permite distinguir entre uma causa e outra¹⁹. Achamos difícil exemplificar por não termos como reproduzir graficamente a entonação, mas com um pouco de boa vontade o leitor falante do Português poderá, com nossas indicações, recriar as entonações diferenciais nos exemplos (19) e (20) que criamos para ter os mesmos segmentos repetidos.

- (19) L1 João veio aqui **falou, falou** e não resolveu nada. (repetição com função de reforço).
- (20) L1 João veio aqui e **falou::...** **falou** que você é idiota. (repetição por hesitação)
- L2 **Falo::u?** (Repetição para questionar e pôr em dúvida o que o interlocutor disse) (A entonação tem um alongamento do ditongo e a palavra é dita com um tom ascendente, descendente, ascendente).

Nos três inquéritos analisados encontramos um total de 692 (seiscentos e noventa e duas) repetições assim distribuídas.

19. RAMOS (1985:9 e 10) chama a atenção para o mesmo fato e exemplifica.

INQUÉRITO	Nº DE REPETIÇÕES
NURC-SP/62	537
NURC-RJ/269	26
NURC-RJ/369	129

Observando as causas das repetições podemos organizá-las em dois grupos:

3.1. As causas que agem no discurso ou texto de um modo global, mais amplo ou, se se preferir dizer assim, em um nível macro, pois atingem o discurso como um todo. Chamá-las-emos **macro-causas**.

3.2. As causas que agem no discurso ou texto de um modo localizado, mais restrito ou, se se preferir, em um nível micro, pois atuam mais em partes do discurso. Chamá-las-emos **micro-causas**.

3.1. Macro-causas

Causa 1²⁰: Estabelecimento da coesão textual. Podemos dizer que todas as repetições cumprem essa função e portanto essa causa subordina todas as micro-causas.

Causa 2: Estabelecimento da coerência textual. Todas as repetições cumprem essa função e portanto essa causa subordina todas as micro-causas.

Causa 3: Disposição durante a conversação, tal como: segurança ou insegurança ante o interlocutor ou o assunto, o tópico do discurso; preocupação com algo ligado ao tópico e/ou ao interlocutor. Subordina micro-causas como as de nºs 10, 11, 13, 29a e 49.

Causa 4: Criação de familiaridade, envolvimento interpessoal. Subordina micro-causas como a de nº 42 em especial e todas as outras.

Causas 5: Preservação das faces²¹. Subordina micro-causas como as de nº 37, 38 e todas as ratificadoras (vide 2.5.7. d).

Causa 6: Produção de efeitos de sentido. Subordina micro-causas como as de nºs 44, 46 e 47.

Causa 7: (Re)orientação argumentativa do que foi dito. Subordina micro-causas como as de nºs 12, 18, 28 e 42 a 44.

Causa 8: Facilitar a produção e a compreensão do discurso. Subordina a quase totalidade das micro-causas a exemplo das de nºs 9 a 17, 19 a 26 e 28 a 36.

20. Numeramos as causas em série de 1 (um) a 49 independentemente do item em que aparecem para facilidade de referência.

21. Vide MARCUSCHI (1987).

3.2. Micro-causas

3.2.1. Auto-repetições de língua oral

O falante repete o que ele mesmo diz pelas seguintes razões:

Causa 9: Porque o que se disse estava sobreposto com a fala do interlocutor, o falante, talvez julgando que não foi ouvido ou que sua fala não foi devidamente percebida, retoma o segmento para garantir a compreensão. Encontramos 16 (dezesseis) exemplos desse caso (62:7 exs, 269:3 exs, 369:3 exs)²². Vide exemplos (21) e (22)

- (21) L2 [sim aí também eu tro [caria
 L1 [ago::ra... (eu:::uh) [não... não tenho assim muita
 necessidade de vida noturna... nunca tive
 (nem quando era moça entenderam?
 L2 [isto realmente eu também [não tenho... é
 L1 [só que eu gosto...só que eu
 gosto de visitar as famílias...

(NURC-RJ/269)

- (22) L2 mas esse fenômeno não é só em Paris que se nota... esse
 fenômeno...é:: da Europa de uma maneira geral
 L1 ah mas o país (foi onde) nós notamos mais
 L2 [... que a gente tinha a impressão daquela
 de uma maneira geral
 ((baixo e rápido, quase tudo dentro da pausa))
 L1 vida noturna de Paris
 L2 [poucas cidades do mundo vê-se um movimento intenso à
 ((num tom calmo e impositivo, cortando a mulher))
 noite... [como aqui no Rio de Janeiro
 L1 [isso é verdade é
 ((rápido e baixo, quase tudo dentro da pausa))
 L2 em pouquíssimas cidades...
 L1 mas mesmo aqui... [mesmo sendo dia nove horas da
 L2 [movimento de automó::veis... ah não
 tem...
 L1 noite é... mas mesmo sendo dia nove horas da
 noite... você imaginaria... qui... estaria cheio de gente na
 rua... mas o povo MES::... não... não tem mais...

(NURC-RJ/369)

22. O número total de exemplos de cada caso será sempre seguido da sua distribuição pelos três inquéritos analisados. É bom lembrar que do NURC-SP/62 tomamos os 87 min, do NURC-RJ/269, 8 min. e do NURC-RJ/369, 15 min.

Causa 10: Por hesitação. Podemos entender que a repetição por hesitação seria toda repetição que ocorre na língua falada e que seria eliminada caso o falante pudesse fazer um planejamento maior, como na língua escrita. Normalmente se coloca que a repetição por hesitação é um mecanismo pelo qual o falante ganha tempo enquanto decide o que e/ou como dizer, mas pode ser também que ele saiba o que e como dizer, mas hesite por não saber se deve ou não dizer (como no ex. 20 - duas primeiras ocorrências de "falou"). Em qualquer caso ele preenche o espaço temporal o que lhe garante a manutenção do turno. Encontramos 126 (cento e vinte e seis) exemplos desse caso (62:95 exs., 269: 5 exs. 369:26 exs.). Veja como exemplos a repetição de: a) "para o" e "de" no ex. 5; b) "você" no ex. 8; c) "é um" no ex.10; d) "de" no ex. 14; e) "você vê/ você verifica" e "qui" no ex. 16; f) "polui/poluição" e "control/controlando" no ex. 17; g) mon/.....montar no ex. 18.

Já vimos que a hesitação pode ser do que dizer, mas pode também ser sobre como dizer. Veja os exemplos 23 e 24 abaixo.

(23) L2 o metrô praticamente... não tem nada nosso... **o metrô é tudo... nós trouxemos tudo de fora** está certo que são... engenheiros nossos que estão estudando.. dizem que eles estão trabalhando éh:: estu/(vozes) eles trabalham oito horas e estudam dezoito horas vinte horas os homens não querem saber eles estão... se aprofundando nas técnicas mais perfeitas... estão aprendendo são os nossos vêm alguns lá de fora e traz o know-know tudo mas os nossos tal... mas nós não:: nosso mesmo você pode ver não tem nada aí... talvez para o futuro para um próximo metrô... uma outra capital qualquer coisa já... não necessite pode ser que eles criem algo diferente... mas hoje em dia não você lê mesmo no jornal... são técnicas tudo de fora não são nosso entende?... e da:: agora dessa PARTE... de arquitetura... dizem que nós... alguns dos nossos são os... como é que diríamos assim os... primeiros aí são os os bom...

L1 **é concreto armado né?**

L2 entende?

L1 **cimento armado...** e: em outros países:: utilizam muito estrutura de ferro.. os Estados Unidos mesmo é um exemplo... muita estrutura de ferro aqui não nós já preferimos mais usar o concreto armado... diz que é **um::...um** dos países onde você verifica mais disso... construções (inteiras) de **concreto armado... cimento armado** né?... e outros países já usam o quê? estrutura de ferro quer dizer:: rapidez na construção lógico estrutura de ferro é muito rápido... mas acredito que:: em termos de solidez é a mesma coisa né?... inclusive o ferro pode ser até mais prejudicial mais corrosivo... sei lá

(NURC-SP/62:1110-1140)

A repetição de "tudo" em (23) ocorre porque o falante hesita quanto ao como dizer e muda a estrutura do que ia dizer, o modo de dizer; Aliás a primeira fala de L2 é exemplo de que o falante trunca, larga trechos, mudando a todo instante sua fala. Isto tudo provavelmente seria resolvido com maior planejamento, pois parece haver dúvida, insegurança do falante quanto ao que está dizendo. Já na repetição contígua de "concreto armado... cimento armado" a hesitação de como dizer recai não no campo estrutural, mas no lexical: o falante parece estar em dúvida sobre qual é a expressão certa (é a segunda vez que ele faz a troca). Outra hesitação aparece neste trecho: "um::... um."

(24) Doc. É e sabe que mesmo dentro por exemplo do tea::tro às vezes há várias áreas né? por exemplo...

L2 [tem tem o::pequenininho ali o::aquele::... que faz uma pontinha lá... que tem esperança no futuro de ser um grande ator um grande atriz... então vai... vai lutando... quanto que você acha que ganha um::... um ator principal numa peça aí... que... digamos aí do... do *Hair* quanto que você acha que gaNHava por mês... você acha que ganhava mais do que quatro

Doc. não tenho idéia

L2 mil cruzeiros?

L1 não sei **acho que tea::tro** ((pigarreou))...

()

L2 [**é amor eu acho teatro acho** que é **amor** é arte que o indivíduo gosta de fazer aquilo...

(NURC-SP/62:1312-1326)

Em 24 as repetições de "amor" e "acho" se devem ao fato de o falante hesitar sobre como dizer o que quer dizer, sobre que estrutura usar: ele hesita e não monta a estrutura que busca e que parece ser "eu acho que teatro é amor", que aparece no turno anterior de L1. Parece que L2 tenta dizer a mesma coisa de um outro modo e não consegue. Outras hesitações neste trecho são: "vai... vai lutando"; "um::... um"; "do... do".

É interessante notar que, na hesitação, o elemento que se repete é quase sempre o elemento inicial do constituinte (a exceção parece ser nos casos de hesitação estrutural). A consequência disso é que o elemento que se repete é na maioria dos casos uma palavra gramatical como indicam os quadros a seguir:

QUADRO 1

Tipo de elemento que se repete

Palavras gramaticais	com truncamento		5	89	
	sem truncamento		84		
Palavras não Gramaticais	com truncamento	substantivo	3	13	50
		verbo	9		
		adjetivo	1		
	sem truncamento		37	37	

QUADRO 2

Palavras Gramaticais		nº de exemplos	
Truncamento	Classe		
COM	preposição	1	5
	pronome	1	
	advérbio	3	
	conjunção	1	
SEM	preposição	32	84
	preposição + artigo + pronome	1	
	pronome	11	
	pronome + artigo	3	
	pronome + advérbio (negação)	1	
	artigo	21	
	advérbio	10	
	conjunção	5	

Dos 37 exemplos de palavras não-gramaticais sem truncamento (vide quadro 1) a quase totalidade são verbos. Só encontramos dois exemplos de substantivos acompanhados de preposição e funcionando como adjuntos adverbiais no inquérito NURC-369: "em Liverpool", "Im Madri". O verbo pode vir sozinho (vá... vá), com o sujeito (eu moro), com conectivo e sujeito (onde eu possa, no que quer, qui eu achei) com o objeto (lhe dá uma visão), com advérbios (não consegui, se explorou muito... se explorou demais). Reunindo-se os exemplos de verbo com e sem truncamento temos que, dos 50 exemplos de hesitação com palavras não-gramaticais, 44 são com verbos, 5 com substantivos e 1 com adjetivo. As tendências aqui explicitadas através dos quadros 1 e 2 têm de ser ratificadas por outros estudos que ampliem a quantidade de material analisado.

É interessante observar que, em todos os casos de hesitação, há prolongamentos de vogal ou consoante final do segmento que se repete ou pausa após esse segmento, ou truncamento do mesmo. Às vezes o alongamento e o truncamento vêm seguidos de pausa. Deve ficar claro que o alongamento, pausa ou truncamento se verifica na(s) primeira(s) ocorrência(s) do segmento repetido. O único exemplo de hesitação sem pausa, alongamento ou truncamento que encontramos está transcrito no exemplo(25)²³.

- (25) L2 e:: porque que você escolheu Economia?
 L1 bom... eu escolhi Economia porque na na na ocasião... eu já:: trabalhava... e:: ((pigarreou)) apesar de gostar também da da da profissão... eu acho que Economia:: é:: é o curso que pode lhe oferecer assim... eh:: muitas perspectivas e **lhe dá uma visão lhe dá uma visão**... geral
 L2 principalmente daqui para frente né?
 L1 exato... agora
 (NURC-SP/62;335-342 - Veja continuação no ex. 8)

Para TANNEN (1985:47, 48 - nota 4), todas as hesitações podem ter uma função cognitiva de planejamento, mas têm também uma função social que para ela tem a ver com a questão da auto-apresentação: uma pessoa hesitante, quase sempre é melhor vista.

Causa 11: Quando a velocidade da fala parece não dar tempo de achar a palavra seguinte e o falante repete a mesma. Este parece ser um tipo de hesitação em que não há pausa e/ou alongamento de sons no final da primeira ocorrência do segmento que se repete. Encontramos 121 (cento e vinte e um) exemplos desse caso (369:11 exs; 62:110 exs.). Como

23. Confiamos na transcrição publicada em CASTILHO e PRETI (org.) - 1987:69. Não tivemos oportunidade de confirmar a não existência de pausa, alongamento ou truncamento na gravação.

na causa 10, o que se repete são sempre elementos iniciais dos constituintes²⁴. Veja os seguintes exemplos:

- Ex. 5: **no no** comportamento.
Ex. 7: **pela pela** própria dificuldade.
Ex. 11: **de de** visitas.
Ex. 23: **os os** bom.
Ex. 25: **na na na** ocasião.
 da da profissão.

Parece-nos que, neste caso, a não existência de pausa, ou alongamento precisa ser ratificada por meios mais precisos que o ouvido humano.

Este caso de repetição nos oferece evidência de um fato interessante: é a constatação de que certos tipos de repetição podem constituir característica do estilo oral e conversacional de determinados falantes. É o que acontece no inquérito NURC-SP/62 onde dos 110 exemplos de repetição pela causa 11, 91 (noventa e um) foram produzidos pelo locutor 1 e apenas 19 (dezenove) pelo locutor 2 e documentador.

Causa 12: O falante faz repetições buscando esclarecer ou completar uma idéia que julga não estar bem colocada, apresentada. O falante também pode julgar que é necessário, em função do que diz ou de reações (verbais ou não) do interlocutor, ampliar, restringir, especificar, concretizar, desconcretizar, intensificar, abrandar, modalizar diferentemente o que disse ou fornecer um equivalente. Encontramos 59 (cinquenta e nove) exemplos deste caso (62:48, 269:1 e 369:10). Essa causa é conversacional na medida que as modificações na idéia, em sua maioria, poderiam ser eliminadas por um planejamento não possível na conversação, mas é também comunicativo-informacional na medida que remaneja o conteúdo e pode ter implicações argumentativas. Vejamos alguns exemplos.

- Ex. 10 - e um **mau tempo**:: um tempo **chuVOso**:: ou mesmo um **tempo frio**... atrapalha o:: no meu serviço... (aqui o falante especifica o que é mau tempo).
Ex. 7 - **melhor** bate papo **melhor** né? (o falante completa a idéia da qual só dera um elemento).
Ex. 23 - **estrutura de ferro** quer dizer:: **rapidez** na construção lógico **estrutura de ferro** é muito rápido.

24. Não fizemos um levantamento das classes gramaticais desses segmentos que se repetem, mas podemos afirmar que a quase totalidade é de palavras gramaticais.

No ex. 23 temos um tipo especial porque se trata de pôr a entidade e seu atributo numa relação direta através de uma estrutura do tipo "nome + cópula + adjetivo (sujeito + verbo de ligação + predicativo), pois antes foram apresentados em uma estrutura que podia não deixar clara a relação entre a entidade e seu atributo.

(26) -----... grandes empresas...
às vezes não quer saber onde você se formou... **normalmente não quer...** (o falante repete para alterar a freqüência do "não querer saber" o que tem um efeito argumentativo no contexto)

(NURC-SP/62:1194-1196)

Ex. 18 ...você vê é **mais fácil fechar teatro que abrir...** hoje em dia **fecha mais teatro do que abre...** (o falante colocara a idéia como genérica, abstrata, ao repetir ele concretiza e particulariza).

(27) **não há** divulgação... **nunca** houve (o falante intensifica a idéia)

(NURC- SP/62;1342)

(28) L1_ agora você veja **a fase que atravessamos que atravessou o cinema nacional... a fase que nós atravessamos né?... éh:: se explorou muito... se explorou demais...** vamos dizer que espremeu-se o pano até:: as últimas gotas né?... que determinados assuntos... foi explorado cangaceiro...

L2 miséria... pobreza...

L1 [isso aí deu origem a:: milhões de coisas começaram com o filme *Cangaceiro* deu sucesso *Cangaceiro*...

(NURC-SP/62;1499-1508)

Em (28) temos dois exemplos desse caso: no primeiro fez-se uma particularização e no segundo uma intensificação ou reforço. O reforço de idéia aqui é diferente do que se encontra na causa 46. Lá é a própria repetição da palavra que reforça intensifica (linda, linda) enquanto aqui é outro elemento que intensifica (sacrificante..... sacrificante mesmo - NURC-SP/62: 1600- 1604)

Causa 13: O falante repete algo que disse de um modo que revela estar ele refletindo sobre a validade do que disse. Enquanto reflete preenche o espaço de fala, evitando a pausa longa, que é incômoda na conversação. Esta causa também é uma espécie de hesitação. Encontramos 10 (dez) exemplos desse caso (62:8 e 369:2). Aqui é comum a repetição integral e a conjugação com outras causas. Vide os seguintes exemplos:

Ex. 4 - **muito mais regular que aqui... muito mais regular que aqui** (além da reflexão temos intensificação da idéia: causa 46).

Ex.14 L2 bom... **estranha::va.. estranha::va** de fato

Causa 14: Para retomar um segmento (voltar a uma idéia) que foi interrompido(a) pelo próprio falante para intercalar um esclarecimento ou idéia que julgava necessários. Encontramos 25 (vinte e cinco) exemplos desse caso (62:22 e 369:3). Vide exemplos abaixo.

- (29) L1 Já Buenos Aires tava quente...
L2 tava... tava
((bem baixo))
L1 Buenos Aires tava bem quente...
L2 mas havia mudança brusca quando chovia...
D (eu já fui a Buenos Aires) mas (...)
L2 **quando chovia** também... é o mesmo fenômeno daqui...
 quando chove a temperatura
L1 cai
L2 cai... muda... imediatamente...
L1 é
L2 imediatamente

(NURC-RJ/369)

- (30) L1 nós temos que estudar bastante né? ((risos))
L2 precisamos qualidade né?
L1 é exato porque::... dentro da profissão acho que... **SOmente**
para para... para vencer para conseguir... **somente sendo**
 muito bom mesmo... porque:: é um fato você vê...
L2 o o eu não diria somente ser muito bom... viu ((pigarreou)) ô
G...
L1 —empostou a voz... agora vai hein?—
L2 eu não diria somente... existe muito também e::... é apresentação entende?
L1 uhn uhn...

(NURC-SP/62:612-623)

Em alguns casos como no caso do exemplo (30) acima ocorre simultaneamente o que se coloca na causa 24.

Causa 15: O falante repete para apresentar, sucessivamente, novos aspectos de algo que está colocando e que ele parece ir-se lembrando tendo que repetir para introduzi-los. Esta causa se relaciona de algum modo com a causa 12. Encontramos 13 (treze) exemplos desse caso (62:9, 269:3, 369:1). Vide exemplos.

(31) L2 () a criança **tem** uma casa... **tem** um jardim... **tem** um quintal pra ela se expandir... tudo mais... né? (o tempo que eu passo com as minhas filhas) durante o dia ()
(NURC-RJ/269).

Ex.7 **você sai** de manhã às vezes **você sai** agasalhado... na hora do almoço **você** precisa **sair** um pouquinho para ir fazer qualquer negócio seu particular...

Ex. 32 **Se você vai** a Petró::polis... **se você vai** ao Rio das Flores (veja adiante na causa 16).

Nestes exemplos é como se o falante fosse se lembrando de aspectos que interessam para o que ele está dizendo e tivesse que repetir para acrescentar tais aspectos. Num texto mais planejado talvez ele dissesse, por exemplo: "você sai de manhã agasalhado" eliminando a repetição.

Causa 16: Para ratificar, afirmar, confirmar ou negar algo que antes colocara como duvidoso. A dúvida se revela por vários meios: a interrogação, a presença de marcadores como "né?", ou modalizadores como "acho", "diz que". Encontramos 8 (oito) exemplos desse caso (62:4 e 369:4). Vide exemplos abaixo.

(32) L1 bão... mas **isto aqui no Rio**... né?
L2 sim... (eu estou) referindo aqui no Rio...
L1 **isto aqui no Rio**... (agora) se **você vai** a Petró::polis... se **você vai** ao Rio das Flores...
((rindo))
(NURC-RJ/369)

(33) L1 também... nevou em Liverpool... éh:: ã:: em Liverpool nada...
L2 Liverpool não
((bem baixo e rápido))
L2 em Amsterdam... era **outubro**(a)
L2 (é e sobre) foi em Amsterdam
((baixo e rápido))
L1 pois é... **outubro** (b) não foi?...
L2 [(a primeira vez)
((baixo))
L1 foi **outubro** (c)
(misto de afirmação e interrogação)
L2 foi im out/... foi...
L1 **outubro** (d) sim
L2 [Amsterdam foi princípio de outubro
(NURC-RJ/369)

Em (33) a seqüência de repetição por L1 do segmento "outubro" constituída das ocorrências **a, b, c e d** é um exemplo muito interessante desse caso: em **a**, L1 afirma (era outubro), em **b**, duvida e pergunta ao outro (outubro não foi?), em **c**, produz um misto de afirmação e interrogação que só se pode perceber ouvindo a gravação (foi outubro) e, em **d**, afirma, inclusive com o reforço positizador da palavra **sim** (outubro **sim**).

Ex.23 L1 **é concreto armado né?**
 L2 **entende**
 L1 **cimento armado...**

(34) L1 -----
 ... mas tem países aí que eles éh **acham que sexo é arte para eles...**
 L2 **exato**
 L1 **você vai nos países. NÓrdicos... sexo é arte para eles... existem ESpetáculos de sexo... para o público discutir por incrível que pareça...**

(NURC-SP/62:1416-1421)

Causa 17: Para retomar uma fala anterior que fora interrompida pelo interlocutor. Encontramos 15 (quinze) exemplos desse caso (62:10, 269:1, 369:4). Exemplos:

(35) L1 **mas éh você vê o fato né?... realmente foram acabando com essas reservas aí... vegetais**
 L2 **mas é o progresso né?**
 L1 **é seria o progresso que está chegando né? dizem que é o progresso... dizem né? sei lá**
 L2 **dizem... né? (é o) progresso mal controlado**
 L1 **então foram acabando com as reservas e o clima foi tendo assim essa instabilidade... e realmente não há um controle... você pode:: quando muito::... ouvir os es/ os os técnicos na no assunto mas::...**

(NURC-SP/62:67-77)

Ex.30 L2 **o o eu não diria somente ser muito bom...**
 L1
 L2 **eu não diria somente**

(NURC-SP/62:618-621)

Esse caso pode ter a ver com a causa 19, como no exemplo 35, mas nem sempre isto ocorre.

Causa 18: Para restabelecer sua posição, mesmo que não tenha nada de novo a dizer, após fala do interlocutor que questionou sua fala e/ou apresentou posição própria. Essa causa tem efeito argumentativo na medida em que o falante deixa claro que sua posição permanece a mesma apesar do que disse o outro. Essa causa foi proposta por TANNEN (1985:14) e tem relações com a causa 20. Encontramos 4 (quatro) exemplos desse caso (62:2 e 269:2). Exemplos.

- Ex.35 L2 **mas é o progresso né?** (linha 69)
 L1 linhas 70 e 71
 L2 dizem... né? **(é o) progresso** mal controlado
 (linhas 72 e 73)

Causa 19: Para "recolar em "cena" informações que auxiliarão o ouvinte (e o falante) a recompor o fio central da conversa"²⁵. Esta causa foi proposta por RAMOS (1985). Encontramos 19 (dezenove) exemplos desse caso todos no inquérito NURC-SP/62. Normalmente os trechos que se intercalam entre uma e outra ocorrência do segmento são maiores que nas causas 17 e 18, por exemplo. A atualização de cena normalmente é de si mesmo ex.36) mas pode ser do outro (ex.37).

- (36) L2 -----
 (você está) dentro do **ônibus lotado ninguém abre a janela** ((risos))... (linhas 23 e 24).
 L2 dois **ônibus lotados** — conforme eu já falei — **ninguém quer saber de abrir a janela** porque o vento faz mal...

 (linhas 215 e 216)
 (NURC-SP/62)

É interessante observar que L2 não só faz a atualização, mas também a marca como tal através da oração intercalada "conforme eu já falei".

- (37) L1 hoje:: fazer pesquisa é **viver de poesia...** não dá
 (linha 577).
 L2 -----
 é como você falou... o indivíduo que pesquisa **vive de:...**
poesia...
 L1 **poesia**
 L2 entende?
 L1 **poesia...** correto... ((risos)). (linhas 841-845).

 L1 **poesia** para que né? (linha 961)
 (NURC-SP/62)

25. RAMOS (1985:16).

A repetição atualizadora de cena parece ser característica da língua oral, mas aparece também na escrita, principalmente, mas não só, quando quem escreve figura uma conversa direta com o leitor. Exemplos da ocorrência desse tipo de repetição na escrita podem ser vistos em passagens em que se tem construções tais como:

- a) conforme eu disse em 3.1 (este fenômeno)
- b) retomando o conceito de visto anteriormente
- c) como já dissemos (ou ficou estabelecido) em
- d) tendo em vista o que se estabeleceu acima sobre
- e) gostaria de lembrar que neste estudo (vide item 2) só estamos considerando as repetições ao mesmo tempo de forma e conteúdo.

Às vezes quem escreve não repete mas só "aponta" para a informação que deve ser "recolocada em cena" através de expressões tais como as indicadas abaixo. Esse recurso não é usado na língua oral porque o ouvinte não dispõe de um material permanente que permite a volta e recuperação da informação.

- a) lembre-se aqui o conceito de ----- colocado anteriormente,
- b) pela causa 5 vista em 3.2
- c) vide exemplo nº -----
- d) isto tem relação com os objetivos especificados. A atualização de cena na escrita é opcional, enquanto no oral é necessária.

Causa 20: Para confirmar uma colocação anterior que foi questionada (em seu conteúdo ou sons) ou posta em dúvida pelo interlocutor ou reabordada por este com novos elementos. O falante pode repetir do mesmo jeito ou acrescentar algo que mantenha sua posição, mas um pouco modificada. Essa causa se relaciona diretamente com a causa 18 a que se assemelha, e às causas 32 e 33 em que se faz algo semelhante mas repetindo o outro. Encontramos 6 (seis) exemplos desse caso (62:5 e 369:1). Exemplos:

- (38) L2 dois ônibus lotados — conforme eu já falei — ninguém quer saber de abrir janela porque o vento faz mal... então você agüenta né? agora no frio você olha está tudo embaçado os vidros de ônibus entende?... aí... aquela vidinha chega no escritório aquela coisa né?... existe:... mais chefe do que funcionário... todo mundo é chefe... e quem faz é o que menos... leva a fama... ele ainda tem:... tem o privilégio ele almoça em casa... a gente não...
- L1 **não é sempre não...**
- L2 não é sempre não?

L1 **não é sempre não...**

L2 nós entramos ali no:... naquele arroz unido venceremos ((risos))... um dia ele sai da colher outro dia não sai... ((risos)) é fogo... (entende?) ((risos)) (se bem que ainda é:: bom...)
(NURC-SP/62:215-230)

(39) Doc. mas dificuldade existe mesmo com as especializações?

L2 eu creio que existe...

L1 [olha mesmo com as especializações... tem as boas espere/ especializações as que dão dinheiro... então por exemplo posso te citar se você... diz que... otorrino... é uma coisa que dá muito dinheiro... psiquiatria pô... dando fortunas... certo?... São Paulo é uma cidade cheia de problemas... ((falou rindo))... então psiquiatria está ótimo... e de que que você precisa de um divã e paciência para ficar ouvindo... diz que está dando muito... psiquiatria... otorrino... é outra coisa... oftalmologia... diz que dá bastante... mas pega um clínico geral... por incrível que pareça é o que mais... estuda... certo?... é o que tem a MAIOR especialização... em compensação é o mais injustiçado... pediatria...

L2 ele ele estaria dentro do caso do **engenheiro civil** então o clínico geral assim de:... em termo não de estudo digamos mas de... de campo de serviço?

L1 se bem que o **engenheiro** hoje está bem hein meu querido... ahn?

L2 ah mas tem **engenheiro civil** sobrando aí a hein V. ((risos)) a

L1 com todas essas facilidades do BNH aí... está todo mundo comprando casa própria... então os engenheiros **estão levantando** prédios aí que não acaba mais... você não está vendo isso?

L2 [ah mas você vê quem é que... **quem é que está levantando...** b **quem é que você vê levantando...** é sempre aquela **mesma... empresa**

L1 é mas eu acho que está indo bem o negócio está todo mundo querendo partir para o campo da construção

L2 [sempre aquela **mesma empresa** c

L1 é o que está dando dinheiro agora... deixou de ser Bolsa né? agora é construção...((risos))

(NURC-SP/62:662-694)

Em (39) L2 defende o ponto de vista de que o engenheiro civil está sem mercado de trabalho e L1 de que o engenheiro civil está bem. Isto cria

uma situação em que eles vão recolocando sua posição com ligeiras alterações e criando três repetições pela causa 20.

Causa 21: Para se auto-corrigir. Encontramos 34 (trinta e quatro) exemplos desse caso (62:31 e 369:3). A correção pode ser do conteúdo (vide ex. 40b) ou da forma (vide exs. 40a, 41, 43). Na forma pode-se corrigir fatos gramaticais (vide exs. 35 abaixo, 42)

- (40) L1 Ve neza também... Veneza foi calor (fez calor) (a)
 L2 (muito baixo)
 L2 foi Veneza... éh... Veneza... pegamos calor.
 L1 o sol muito quente
 L2 na Inglaterra então pôxa
 L1 na Inglaterra era verão... fazia nove graus
 L2 em Londres
 L1 tava um::
 L2 chu::va... uma chu::va danada que (às vez/) chegava assim na porta do hotel... dava meia volta e entrava (por causa d')
 ((muito rápido))
 aquela chuva fininha, fininha, fininha desanimava inteiramente de sair... isto aconte [ceu inúmeras vezes
 L1 éh... um clima horrível...
 eu tenho a impressão de que... a Europa é exatamente é... o o inverso do Brasil... de que lá sempre faz calor... e de vezin/... sempre faz frio e de vez em quando faz calor (b)... o Brasil sempre faz calor... e de vez em quando faz frio...então essa diferença de tempe/de:: de:: de estação que eles dizem que existe muito marcante... existe porque a ne::ve porque... né?
- L2 não sem (isso)
 L1 cê num acha?
 L2 é...
 L1 porque há neve... porque::... mas:: i/e no verão lá num há neve... mas não que o verão faça calor como nós temos calor...
 ((bem mais baixo))
 L2 o verão deles praticamente é:: o nosso inverno aqui...
 L1 é... exatamente...

Ex.35 L1 -----
 os os técnicos na no assunto mas:::...

(41) L2 ----- todo mundo diz que o povo carioca é mais alegre mais aberto que o pau/do que o paulista...

(NURC-SP/62:147-149)

- (42) L1 e estava mais voltado para para para a área da das químicas... certo... e o campo da eletrônica... que são as maiores novidades que estão surgindo... hoje o a matéria plástica ela substitui quase tudo...
L2 tudo...
(NURC-SP/62:1031-1035)

- (43) L1 olha mesmo com as especializações... tem as boas **espre/ especializações** as que dão dinheiro...

(NURC-SP/62:664-665)

Há um tipo de auto-correção, em que o falante antes de acabar de colocar a idéia, resolve dizer de outro modo e corta o que disse (às vezes com truncamento) repetindo algo (normalmente o determinante) e mudando algo. Vide trecho do exemplo (35) reproduzido abaixo.

- Ex.35 L1 -----
você pode :: quando muito::... ouvir os es/ os os técnicos na no assunto mas::...
(NURC-SP/62:76-77)

Causa 22: Para encadear um turno que foi tomado com um segmento, normalmente aproveitando uma hesitação do interlocutor: quando percebe que ganhou o turno, que ficou com o turno, o falante repete o segmento inicial de seu turno e segue em frente. Encontramos 2 (dois) exemplos desse caso no inquérito NURC-RJ/369.

- Ex.40 L1 tava um::
L2 **chu::va**... uma **chu::va** danada
(NURC-RJ/369)

- (44) D eu pergunto pelo seguinte... porque durante o verão:: éh a duração do dia parece ser
L1 é enorme... [é enor::me
ah bom...(i) bom mas isso nós já pega/na Inglaterra nós pegamos...
L1 pegamos
L2 dia cla::ro... às vezes... até nove dez horas da noite
L1 **nove horas**
(entonação de correção)
L2 é [in]
L1 **nove horas**... dez horas... dia claro nós não pegamos em lugar nenhum não...
(bem baixo)

- L2 ((o homem gunguna qualquer coisa que revela que ele não concorda com a correção, mas aceita))
(NURC-RJ/369)

Causa 23: Para tentar tomar o turno. O falante vai repetindo porque não consegue tomar a fala, ter a palavra e vai tentando até conseguir ou desistir. Observamos esse tipo de repetição em conversações de que participamos e no corpus analisado encontramos 4 (quatro) exemplos desse caso (62:1, 369:3) vide exemplo (45). Normalmente a repetição vem entremeada nas falas do(s) interlocutor(es).

- (45) L2 ah eu tenho eu tenho uma colega... eu
L1 e o:....
L2 tenho uma colega não vou longe
L1 então está acumulando::... acumulando::
L2 trabalha comigo...
L1 canudo né?
L2 ela ela é formada em Economia... está fazendo... à noite... Administração... e ela vai uma vez por semana... e faz Direito... de manhã... ela:.... tem a regalia de de chegar ma/ mais tarde num dia da semana para fazer Direito de manhã mas ela só vai uma vez por semana... e aqui em São Paulo...
L1 uhn uhn...
(NURC-SP/62:1234-1255)

Causa 24: Para tornar contíguos constituintes da sentença. Essa causa foi proposta por RAMOS (1985) com o nome de "Repetição Reconstituidora I" como uma causa que atua a nível da sentença. Segundo RAMOS (1985:15) sua função é "tornar contíguos os constituintes distanciados pela inserção, isto é, reconstituir estruturas que haviam sido fragmentadas por elementos estranhos". Como já dissemos, algumas dessas repetições se devem simultaneamente à causa 14. Encontramos 11 (onze) exemplos desse caso todos no inquérito NURC-SP/62.

- (46) L1 -----
Isso **conT**Ado certo? por por meus pais... **cont**ado por meus pais eh::

(NURC-SP/62:60-61)

- (47) L2 eles se especializaram num campo e entraram (para um) outro ma::s... **eles** praticamente **eles** fazem serviço burocrático que não... que não há necessidade de um curso técnico que eles fizeram de Engenharia...
(NURC-SP/62:515-518)

- (48) L1 é porque à medida que que... **houver...** certo?
houver assim:: uma necessidade muito grande... e tiver uma aplicação...

Causa 25: "Preencher a posição original de elementos topicalizados, reconstituindo estruturas canônicas" (RAMOS-1985:15 - Repetição Reconstituidora II). Encontramos 3 (três) exemplos desse caso todos no inquérito NURC-SP/62. Exemplo:

- Ex. 9 L2 -----
 então diz que o americano não liga para isso **o americano ele** não quer saber...

- (49) L2 você não vê o... o:: povo sai de São Paulo todo mundo diz que o povo carioca é mais alegre mais aberto que o pau/ do que o paulista... de fato É mesmo você vê lá **o pessoal** no Rio **eles TÊM**::... o clima deles a:: natureza ajuda mais São Paulo é mais fechado você passa na hora do almoço no... no viaduto do Chá está todo mundo trombando com todo mundo correndo e é hora de almoço... carioca já é mais folgado carioca::... não quer saber de gravata não quer nada aqui em São Paulo se você não pôr uma gravata você não é bem recebido...
 (NURC-SP/62:147-156)

3.2.2. Hétero-repetições de língua oral

O falante repete o que o interlocutor diz pelas seguintes razões:

Causa 26: Para concordar com o interlocutor, aprová-lo, reafirmar, ratificar, confirmar o que ele diz. Aqui o que se ratifica é o conteúdo. A ratificação dos sons é a causa 35. Encontramos 56 (cinquenta e seis) exemplos desse caso (62:37, 269:7, 369:12). Exemplos:

- (50) L2 se expandem outra vez na hora do banho
 () e dormir... né? agora dentro de casa no apartamento o tempo todo... não faça isto, não faça aquilo
 L1 é::
 L2 ()
 L1 **só restrições**
 L2 **só tem restrições** ()
 L1 é um passarinho na gaiola...
 L2 exatamente... pra a criança é::
 L1 ma/ a primeira vez::
 L2 ()

(NURC-RJ/269)

- Ex.40 L1 **Ve neza** também -----
 L2 [**foi Veneza** -----
 (NURC-RJ/369)
- Ex.29 L1 já Buenos Aires **tava quente**
 L2 **tava... tava**
 (NURC-RJ/369)
- Ex.33 L1 **em Amsterdam...** era outubro
 L2 (é e sobre) foi **em Amsterdam**
 ((baixo e rápido))
 (NURC-RJ/369)
- Ex.15 L1 é... Munique faz um **frio horrível**
 L2 **frio mesmo...** -----
 (NURC-RJ/369)
- Ex. 7 L1 a gente fica até **mais alegre...** [você não acha?
 L2 [**mais alegre**
 ((risos e vozes))
 (NURC-SP/62:30-32)
- (51) L1 agora parece que:: e tempo realmente prejudica inclusive
 L2 você **esteve** [**doente** devido o tempo
 [**estive**
 (NURC-SP/62:52-54)

Aqui são freqüentes as sobreposições o que talvez revele uma concordância de idéias entre os interlocutores e colaboração no sentido de MARCUSCHI (1987). A quantidade de ocorrências deste caso somada às da causa 29 daria uma espécie de índice de colaboratividade.

A concordância pode ser feita por várias razões interacionais e/ou psicológicas tais como: realmente concordar, bajular, dizer algo para participar mesmo que não tenha o que dizer (vide causa 37), etc.

Neste caso a repetição tem uma função muito parecida com a de marcadores conversacionais tais como: "exatamente", "é verdade", "realmente", "é", "sim", "certo", "exato", "ah isso é", "isso é verdade", "hum, hum". Cabe levantar a hipótese de que estas repetições funcionam como uma espécie de marcadores locais de aprovação e não como marcadores gerais (que podem aparecer em qualquer conversação) como os enumerados acima.

Causa 27: Quando o falante vai dizer algo de conteúdo muito semelhante ao que seu interlocutor falou, ou seja o tópico discursivo (o assunto) é o mesmo. Tem muito a ver com a causa 49. Encontramos

2 (dois) exemplos desse caso na mesma passagem do inquérito NURC-SP/62 em que L1 e L2 respondem à mesma pergunta do documentador.

- (52) Doc. vocês costumam antes de sair de casa... ouvir... assim:: alguém que SAIBA...
- L1 **é normal né?** porque:: principalmente no meu caso eu de manhã saio dirigindo... então:: uhn:: tenho vontade de de:: ouvir uma notícia uma coisa qualquer e normalmente **eles dão né? previsão do tempo...**
- L2 **eu normalmente** ouço também... — sabe que pobre levanta cedo né? ((risos)) — dez para as seis seis horas eu estou ouvindo o noticiário da Tupi... **eles dão...** e tem a mãe também né?... aquela **previsão** infalível né? sua mãe né?... "leva guarda-CHUva vai chover olha o céu como é que está"... é certeza que chove sabe que geralmente mãe não erra né?... você nunca leva... entende?... é fogo você não pode se você for se guiar... serviço de meteorologia ninguém acerta... você vê o homem do tempo... você ouve aí o homem do tempo... pá pá... fala isso aquilo... não deu nada daquilo ele chega à noite e fala... "frente fria (constratou)" não sei o que e deu ((ruído)) bateu voltou não vem nada daquilo então ele sempre se desculpa entende?... então nós não podemos nos guiar vai na sorte... entende?... agora qualquer:: cronologicamente o que é que você faz?... leVANTa... qual é a sua atividade antes de vir para a faculdade e tudo o que que você faz?
(NURC-SP/62:78-101)

Causa 28: Para discordar, limitar ou ampliar o alcance do que o outro disse, relativizar sua colocação e coisas que tais. Aqui estamos falando da discordância pura e simples e não da discordância que passa primeiro por uma concordância como no exemplo (53). Neste caso a repetição se deve à causa 26. Encontramos 5 (cinco) exemplos desse caso todos no inquérito NURC-SP/62. Vide exemplos (30), (35), (54) e (55) abaixo.

- (53) L1 João **é um bom homem.**
L2 Sim, **é um bom homem**, mas não hesitou em denunciar o amigo, sabendo que ele estava doente²⁶.

Ex.30 L2 o o eu não diria **somente ser muito bom...** viu ((pigarreou)) ô G...

(NURC-SP/62:618-619)

26. Ocorrência criada pelo autor para exemplificação.

Ex.35 L2 mas é o **progresso** né?
L1 seria o **progresso** que está chegando né? dizem que é o **progresso**... dizem né? sei lá.
(NURC-SP/62:69-71)

(54) L2 mas parece que você... saindo do seu curso de Economia você não pode fazer dois anos de Engenharia... em pós-graduação pode?
L1 não tenho conhecimento...
L2 então:: é vantagem que eles levam né?... ((risos)) entende?... seria mais para ele seria muito mais
[
L1 mas eles **têm atendido** e::... os exemplos
L2 **tem** não (
(NURC-SP/62:537-545)

(55) L1 ele não é especializado mas ele conhece **tudo**
Doc. um pouco de **tudo** um pouco de **tudo**.
(NURC-SP 62)

TANNEN (1985:21, 22) refere-se a esta causa e exemplifica.

Causa 29: Para aceitar uma sugestão do interlocutor que este pode dar em dois casos:

a) porque o falante estava hesitando. Encontramos 6 (seis) exemplos desse caso (62:1, 269:1, 369:4). Exemplo:

(56) L2 a impressão qu'eu tive da neve... a sensação qu'eu tive... foi a mesma que... quando chega::mos::da primeira vez im:: Veneza... na praça di::
L1 **São Marcos**
((baixo como quem ajuda))
L2 **São Marcos**... estavam aquelas quatro orquestras... tocando... uma em cada canto da praça... então quando a a neve sa/
L1 come/ é
(muito baixo))
L2 começou a cair... é:: floquinhos muito pequenos e tudo... mas foi aquela sensação... não sei que... é difícil de (descrevê/)
L1 [é uma emoção né?
L2 é uma emoção...

b) não há hesitação do falante mas o interlocutor (deve pensar que) tem uma ajuda ou contribuição a dar ao texto que o falante está construindo. Encontramos 10 (dez) exemplos desse caso (62:8, 369:2).

O "deve pensar que" vem entre parênteses para sugerir que isto é uma suposição sobre um estado psicológico do interlocutor que o leva a dizer o que o falante depois repete. Essa suposição é questionável, mas não se pode questionar o fato de que na seqüência da conversação a coisa se apresenta como tal, ou seja, uma contribuição do interlocutor em cooperação com o falante que tem o turno e não, por exemplo, como uma tentativa (bem ou mal sucedida) de tomar o turno (vide causa 36). Essas observações valem também para o caso colocado em a.

Nestes casos o interlocutor fornece ao falante de posse do turno um elemento que ele não encontra para continuar (é o que ocorre nos exemplos de a) ou simplesmente dá sua contribuição, antecipando talvez o que o falante com o turno ia dizer e este repete, ratificando que o interlocutor antecipou acertadamente (vide exemplo 57-a) ou então não aceita a contribuição totalmente e usa um sinônimo (vide exemplo 57-b), às vezes faz essas duas coisas (vide exemplo 29 - trecho transcrito abaixo) ou então repete a contribuição, mas específica (vide exemplo 58). Essa antecipação pelo interlocutor revelaria uma atenção e disposição cooperativa ou colaborativa.

Ex.29 L2 -----
 quando chove a temperatura
 L1 **cai**
 L2 **cai... muda...** imediatamente

(57) L1 não inclusive eu estava respondendo para você:: colega... o o:: fato de eu ter escolhido a profissão do do...
 L2 (a) **economista...**
 L1 **economista** né?... então realmente:: quando:... eu fiz o ginásio estava fazendo o ginásio... em algumas ocasiões pensei em ser... éh arquiteto depois eu uma ocasião... ((risos)) fiz a inscrição para o para o no Objetivo... depois eu resolvi ser médico... mas nesse meio tempo eu já estava trabalhando e procurei realmente... uma uma profissão... que se::
 L2 (b) **enquadrasse**
 L1 **coadunasse** mais (com) aquele tipo de serviço... enfim também foi em função do tempo... porque:: não havia uma possibilidade de perder mais alguns... alguns anos enfrentando um vestibular para uma escola de Medicina ou uma escola de Engenharia... mas atendeu plenamente e:: hoje estou satisfeito com o curso... ele realmente pôde me dar assim... uma visão... do global... e:: está atendendo não sei aconteceu isso no no seu caso também ou não?

(NURC-SP/62:382-401)

- (58) L1 bom nós estávamos só só retomando:... você estava falando sobre... sobre o problema do
Doc. (o ensino)
L2 ah sobre o problema da:: dos métodos de ensino atualmente entende?
L1 uhn uhn
(NURC-SP/62:420-425)

Causa 30: (Tentar) complementar a idéia do falante. Este caso é semelhante ao anterior, mas difere porque, aqui, o interlocutor usa a palavra não para fornecer ao falante de posse do turno uma ajuda porque ele hesitava ou uma contribuição em que se antecipa, revelando uma disposição cooperativa ou colaborativa; o interlocutor usa a palavra porque, provavelmente, ache, que deve acrescentar algo ao que o falante está dizendo. Encontramos 8 (oito) exemplos desse caso (62:4. 369:4) Exemplos:

- (59) L2 (não se vê mais... eu acho que... movimento como aqui no/no Rio e (ni) São Paulo... em pouquíssimas cidades do mundo... [se vê no verão
L1 [no inverno ou no verão...
L2 no inverno e no e no verão [tanto faz... é [in]...
(NURC-RJ 369)
- (60) L1 -----
e o engenheiro fica de uma certa forma deslocado... acredito também seja esse UM motivo pelo qual... está está havendo essa essa imigração.
L2 para a área da administração...
L1 das áreas de produção para as áreas de administração.
(NURC-SP/62:604-608)
- (61) L1 mas... pelo que me consta... **TU**do é importado ainda... não existe **NA**da assim
L2 nada nosso...
(NURC-SP/62:1087-1089)

Causa 31: Corrigir o outro ou iniciar correção a ser feita pelo outro, através da sugestão de que há um problema. Só encontramos um exemplo desse caso no inquérito NURC-RJ/369. A pouca ocorrência desse caso em contraposição ao caso da causa 21, de que encontramos trinta e quatro exemplos, é uma evidência para confirmar a preferência pela auto-correção auto-iniciada²⁷. A ocorrência deste caso está no exemplo (33) no trecho transcrito a seguir.

27. Vide MARCUSCHI (1986:28-37).

Ex.33 L1 também... nevou em Liverpool...

éh:: u:: em Liverpool nada.

L2 Liverpool não

((bem baixo e rápido))

L1 em Amsterdã... era outubro

Causa 32: Para ratificar ou confirmar algo de que o outro está duvidando ou questionando. Encontramos 4 (quatro) exemplos desse caso no inquérito NURC-RJ/369. Exemplo:

Ex.33 L1 foi outubro

((misto de afirmação e interrogação))

L2 foi im out/... foi

A fala de L1 revela que ela ainda está em dúvida.

(62) L1 nós já tínhamos vindo da Alemanha porque... não... onde nós vimos um pou - qui::nho

L2 [não não Alemanha, nós fomos de-

pois...

((pausa de + ou - 3 segundos))

L1 ah foi?

L2 foi... Alemanha foi depois... na Alemanha vimos também...

L1 também (teve) neve (na)

[a neve (ali) (u) aquela região toda da

Floresta Negra... (num é?)

L2 é...

(NURC-RJ/369)

Causa 33: Para saber, confirmar se ouviu direito. O falante pergunta se o outro realmente disse X ou perguntou X. É uma conferência do som, porque houve um ruído simultâneo ou qualquer outra causa como um momento de desatenção do ouvinte, que faz com que ele tenha dúvida sobre o que o outro falou. Não encontramos nenhum exemplo desse caso no corpus analisado, talvez pelas condições um tanto controladas em que se realizaram os diálogos do NURC. Para efeito de exemplificação do que seria essa causa damos o exemplo 63 que é um exemplo hipotético criado por nós, mas de um tipo observado em conversações diárias.

(63) João e Maria conversam enquanto ele trabalha, serrando umas tábuas. Num dado instante ela faz uma pergunta que ele não entende direito devido ao barulho da serra, e tem lugar a seguinte seqüência:

Maria - você **consertou a cadeira** que lhe pedi?

João - se eu **consertei a cadeira**?

Maria - é

João - ainda não.

Causa 34: o falante repete a pergunta do interlocutor ou elementos dela como se pedisse esclarecimento; para ganhar tempo e preparar a resposta. Encontramos 3 (três) exemplos desse caso (62:2, 369:1). Exemplos:

- (64) Doc como é o **nosso inverno?**
 L2 **nosso** [**inverno** aqui?
 Doc [(sem) () (demais)
 L2 o nosso inverno aqui... são di::as.. faz frio... vamos dizer assim... quando chove... aí que a temperatura cai um pouco... fora daí...

(NURC-RJ/369)

- (65) Doc. mudando um pouquinho assim o pessoal que trabalha éh... está certo que a dificuldade é um pouco parecida mas o pessoal que trabalha em cinema é meio diferente um pouco não é? do pessoal que trabalha em:: teatro ou não?

L1 dife/ diferente como?

Doc. assim o tipo de trabalho que faz...

L1 uhn:: ach/ que arte como teatro né?

Doc. é a mesma coisa?

L1 agora o problema...

L2 [acho que eles querem mostrar cultura... eu entendo que o cinema e o teatro eles pretendem mostrar...

Doc. não eu digo assim em termos de trabalho mesmo...

L2 **de trabalho...**

Doc. é...

L2 **eles trabalhando...**

Doc. certo...

L1 [é a mesma coisa... no meu ponto de vista né?

L2 também acho que é a mesma coisa

(NURC-SP/62:1480-1498)

Causa 35: Para confirmar, ratificar que o outro ouviu certo. Essa ocorrência seria uma espécie de resposta à repetição pela causa 33. Não encontramos nenhum exemplo desse caso. Um exemplo seria se, em (63), na segunda fala de Maria, ela dissesse "é... se você consertou a cadeira" e não apenas "é". TANNEN (1985:22) aponta essa causa.

Causa 36: Para tentar tomar o turno. Encontramos 2 (dois) exemplos desse caso (62:1, 369:1). Exemplos:

- (66) L1 (não) nós não estivemos no verão... em pleno verão... quando o verão começou nós voltamos... nós voltamos em

julho... fim de julho... [o verão tava entrando no auge...
o verão o verão lá começa:
(bem baixo)

- L2 no au ge é::
é:: o verão começou o verão dia que nós saímos daqui
em maio
L1 vinte e um num é?... julho que é o verão deles... e nós viemos
dez dias depois... nós pegamos só dez dias de verão lá... e
num pegamos esse calor de jeito nenhum...
(NURC-RJ/369)

- (67) L1 bom tem alguns que não:: não se sujeitam né?... pessoas que
não se sujeitam... então o indivíduo ele é um ator
cinematográfico-teatral... ele não é TEleator... ele não se
sujeita... poucos casos se não me engano o Paulo Autran é
um deles né? ele não se sujeita a fazer... telenovela...
L2 são poucos né?
L1 tem amor à arte.. esse tem amor à arte... porque:: **novela** isso
é:: comercializado
L2 [(inclusive) **novela**...
L1 isso é contra o atendimento do público... em geral... então
tem aceitação é remunerado... agora o cinema também se
encontra na mesma dificuldade... e essas mesmas fases
eles... tanto citei agora pouco no no no teatro essas mesmas
fases se verificam no cinema... o cinema não se encontra...
porque acho que ficaria muito mais fácil as pessoas se
encontrarem quando têm a retarguada... financeira... então é
muito mais fácil... agora é mesma coisa você trabalhar sobre
pressão... você conseguiria?... acho que não né?... então é a
situação deles... sabe lá que é você estar gastando por conta
de uma coisa que vai entrar e que na maioria das vezes não
entra?

(NURC-SP/62:1439-1461)

Causa 37: O falante repete o que o interlocutor diz apenas para participar da conversação. É difícil detectar essa causa sem um esclarecimento do próprio falante, porque sempre se pode ter a impressão que a repetição ocorreu por outra causa como a 26 (vinte e seis). TANNEN (1985:14 e 17-19-) exemplos 9 (p. 14) e 10 (p. 17)] coloca esta causa e sua identificação se baseou em depoimento do falante. Cremos ter identificado 4 (quatro) exemplos desse caso, todos no inquérito NURC-SP/62. Vide exemplos abaixo.

- Ex.42 L1 -----
L2 hoje o::a matéria plástica ela substitui quase **tudo**...
tudo...

(NURC-SP/62:1033-1035)

- (68) L1 agora parece que:: o tempo realmente prejudica inclusive
você esteve doente devido o tempo
L2 [esteve
L1 o que que é isso?... isso nada mais é do que uma:: instabili-
dade
L2 mas quem é que não fica doente?
L1 [que existe nesse nesse clima aqui de
São Paulo... até há pouco tempo ::...pouco tempo não uns
tempos atrás eu me lembro que:... Isso conTAdo certo? por
por meus pais... contado por meus pais eh:: havia assim uma
área de vegetação muito grande aqui nas redondezas de São
Paulo... então isso:: realmente:: cooperava assim para
aquele:: famoso sereno né?... **São Paulo da garoa** São
Paulo é terra boa...
L2 **São Paulo da garoa**

(NURC-SP/62:52-66)²⁸

Causa 38: Para mostrar ao interlocutor que, embora não tenha feito nada no momento de determinada fala sua, ele (falante) ouviu e registrou o que o outro disse ou para evidenciar que registrou e/ou entendeu o que o outro falou logo após sua fala. TANNEN (1985:21) apontou esta causa. Encontramos 3 (três) exemplos desse caso no inquérito NURC-SP/62. Vide exemplo (69)

- (69) L1 você diz assim em termos de processamentos de dados
aplicados a construções assim (...)
Doc. [não... seria (dados) examinando
do um campo de **Engenharia**
L2 **Engenharia...**
L1 [ahn sim **Engenharia...**

(NURC-SP/62:1102-1107)

Causa 39: Para responder a uma pergunta, usando os elementos desta. Encontramos 12 (doze) exemplos desse caso (62:10, 269:1, 369:1)

- (70) Doc. isso **demora** muito?
L2 daí **demo::ra** eu saio de casa normalmente... às quinze para
as sete para entrar às oito no serviço...
Doc. nossa.

(NURC-SP/62:211-214)

28. O exemplo 35 é a seqüência do exemplo 68.

- Ex.25 L2 e:: porque você **escolheu Economia?**
 L1 bom... **eu escolhi Economia** porque na na na ocasião eu já::
 trabalhava...
 (NURC-SP/62:335-337).

Causa 40: Para questionar uma afirmação do interlocutor usando os mesmos elementos da afirmação. Encontramos 2 (dois) exemplos desse caso no inquérito NURC-SP/62. Exemplos:

- Ex.38 L1 **não é sempre não...**
 L2 **não é sempre não?**
 L1 não é sempre não...
 (NURC-SP/62:224-226)

- (71) L2 é mas você sabe que o curso de Comércio Exterior na
 Universidade do ABC serão de **cinco anos né?**
 L1 **cinco anos?**
 L2 é...
 (NURC-SP/62:368-371)

Causa 41: A repetição é um gambito, ou seja, um ardil, um recurso argumentativo para vencer o outro, enfraquecê-lo. TANNEN (1985:24, 25) coloca esta causa e exemplifica que é "um gambito de abertura em uma resposta" que permite ao falante respondente preencher o lugar de resposta sem dar uma resposta substantiva". TANNEN argumenta ainda que este caso é diferente da razão cognitiva em que o falante só repete para ganhar tempo na elaboração da resposta. No inquérito NURC-SP/62 encontramos um exemplo desse caso reproduzido no exemplo (72).

- (72) L1 poesia **para que né?**
 L2 **para quê?**... viver de ilusão de elogio de... ele não quer saber
 então ele não sai ele fica na empresa privada que ele está
 faturando duas vezes mais... talvez aplicando muito menos o
 conhecimento dele não transmitindo a ninguém... fica
 somente... ao ao grupinho dele... quando ele poderia passar
 esse... essa esse conhecimento a outros mais... então ele
 não vai...
 (NURC-SP/62:961-968)

3.2.3. Auto ou hétero-repetição de língua oral

Causa 42: O falante repete para produzir humor. Essa causa é levantada e exemplificada por TANNEN (1985: 23, 24). Fica claro de seus comentários que aqui sobretudo a mudança de entonação tem um papel fundamental. Os exemplos de TANNEN são de repetição do outro, mas pode-se pensar situações em que o falante produziria um efeito humorístico pela repetição de si mesmo. Essa causa será interacional se

o efeito for criar descontração, sensação de familiaridade, camaradagem (o que pode ter um uso argumentativo) ou ser especificamente argumentativa se com o efeito humorístico se busca apenas tirar ou diminuir a força do que se disse. Não encontramos exemplos desse tipo de repetição no corpus analisado, mas observamos que, com frequência o riso (rir após ou antes de algo que foi dito ou dizer algo com um misto de fala e riso conjuntos) é usado com os fins interacionais acima e também de conquistar a simpatia ou benevolência do outro para o que disse, vai dizer ou está dizendo ou com os fins argumentativos sugeridos ou outros. Exemplos desse fato são verificáveis nas transcrições publicadas em CASTILHO e PRETI (orgs.) (1987) em que se marca os momentos de riso entre duplo parênteses (()).

3.2.4. Auto-repetições não exclusivamente de língua oral

Causa 43 - Para responder uma pergunta retórica que o próprio falante fez, usando as mesmas palavras ou parte delas. Essa causa é de natureza sobretudo argumentativa. Encontramos 6 (seis) exemplos desse caso, todos no inquérito NURC-SP/62. Essa causa é semelhante à causa 44.

(73) L1 ((pigarreu)) veja o que está acontecendo... por incrível que pareça há falta de doutores hoje... **por quê? porque** a tendência é acabar o curso... e muito dificilmente um vai sair para a pesquisa... para estudar para defender uma tese

L2 tese (defender) uma

(NURC-SP/62:802-807)

(74) L1 certo? agora em termos de cultura... é muito mais interessante você assistir... essa peça do que assistir... do que assistir talvez o que eu poderia classificar assim uma uma chanchada água com açúcar... então... **está ligado ao quê?** a uma divulgação... **está ligado** a um um... conhecimentos preliminares... a discussões... e fora uma fase toda crítica que atravessou o teatro né?... sem subsídios... não haviam subsídios para para auxiliar... e:: uma uma uma::... também éh:: a dificuldade de encontrar uma fórmula de se identificarem mais... com com com o público de teatro... HOUve uma confusão tremenda... eu:: tive a oportunidade de assistir algumas peças aí... uma que por exemplo até:: gostaria de citar o nome quem sabe vocês tenham assistido porque até:: poderia conversar alguma coisa a respeito foi *Rico amor selvagem...*

Doc. não não assistir não...

(NURC-SP/62:1353-1368)

Causa 44: Para indicar uma espécie de consequência do que afirmou antes ou questionou retoricamente, estabelecendo, de modo enfático, uma oposição a outra(s) possibilidade(s). Esse tipo de repetição parece ocorrer apenas na língua oral. Na escrita só em reproduções de diálogos. Encontramos um exemplo desse caso no inquérito NURC-SP/62. (Vide ex. 75). Apresentamos aqui 3 (três) exemplos colhidos em conversações ouvidas, mas não gravadas (vide exs. 76 a 78).

(75) Doc. mas e o pessoal por exemplo que trabalha mesmo... quer dizer não:: tirando de lado ()

L2 [pelo que eu vejo o pessoal que trabalha mesmo... é o que ganha menos... ele faz aquilo por arte por gostar mesmo... um ou outro que você vê que tem um salário de três mil cruzeiros... está dando mais é trabalhar na televisão **fazer novela... vai fazer novela** dedicar exclusivamente ao teatro mesmo propriamente dito LA no teatro... faz novela na televisão ganha muito mais...

(NURC-SP/62:1302-1311)

(76) quer **fazer Artes?**... **faz Artes**... pronto! (e não medicina como a mãe, que disse a frase, queria)

(77) quer **ir ao cinema?**... **Vá ao cinema!**... EU vou à FESTA... (uma irmã para a outra discutindo sobre o programa para o sábado à noite)

(78) está dando mais no **over**... aplica no **over** (e não em outro investimento qualquer).

Ocorrências como as de (76) e (77), normalmente são usadas para acabar com uma discussão ou disputa sobre algo.

Causa 45: Para abrir e fechar uma unidade de assunto. RAMOS (1985:12, 13 e 16) propõe essa causa com o nome de "repetição-síntese", dizendo que sua função é enfatizar elementos de conteúdo e delimitar unidades discursivas semelhantes a parágrafos, as unidades de assunto". Na escrita este tipo de repetição aparece no tipo de parágrafo ou texto que se constrói segundo um esquema que os estudiosos do assunto denominaram de "síntese-análise-síntese". Encontramos 16 (dezesesseis) exemplos desse caso no inquérito NURC/SP/62. Exemplos:

(79) L1 **a situação do médico... também é uma situação difícil...** em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil... HOje já está existindo também muita quantidade... está existindo uma certa facilidade inclusive parece que existe... leis aí... éh::... leis em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque (ter) uma escola de Medicina tem que ter... naturalmente um hospital... tem que estar

ligada a um hospital para poder atender:... atender as:...
exigências do curso do curso de Medicina

L2

[
do curso

L1

o médico hoje em dia ele está... se sujeitando mui::to... a
empre::gos tal... a situação do médico eu acho que está...
bastante difícil

(NURC-SP/62:648-661)

(80) L1

acho que o teatro TAMBÉM é... como todas as artes né?...
ele:: é está assim fundamentado na educação de um povo
certo? então realmente:: temos **que o teatro está sucum-
bindo o teatro... está sucumbindo** e eles não... não não
têm como apresentar uma justificativa de **cobrar... aquele
preço que eles cobram...** porque precisam... senão morre
de fome...

L2

L1

L2

L1

L2

L1

Doc.

L1

Doc.

L1

Doc.

L1

L2

L1

tem muita gente ligada né?... (quer dizer) eu eu às vezes
eu fico imaginando uma peça assim meia meio meio
pomposa como é o caso aí *Capital Federal*... certo?... tem
que ter um guarda-roupa muito grande certo?... tem que
ter pessoas que vá procurar isso por aí... a fim de fazer a
propaganda de determinadas casas que vão emprestar o... as
roupas... então:: são várias pessoas que que se movem
em torno disso... coreógrafos (entende?) figurinistas ilumi-
nadores... MÚsicos... os aTOres... muita gente... então eles
têm têm um custo muito grande... certo? e não há outra
forma **tem que cobrar o preço que eles cobram...** então:: é
entendido perfeitamente... agora quando **um negócio
desses sucumbe...** como é que faz?... quem é que dá o
amparo?... afinal aquilo é uma arte né? nós não consegui-
mos ainda encarar aquilo como uma arte... enQUANTo...
em outros países... que você tem oportunidades de saber —

sei lá se se é cultura de um povo ou não — ... mas tem países
aí que eles éh acham que sexo é arte para eles...

(NURC-SP/62:1329-1411)

No exemplo (80) temos uma unidade de assunto longa. Por esta razão colocamos apenas os turnos de início e término da unidade com indicação dos turnos intermediários.

Causa 46: Para reforçar, intensificar elementos da sentença ou o valor de marcadores conversacionais. Excetuando o reforço de marcadores, este tipo de repetição é comum também na escrita. RAMOS (1985:16) dá a essa causa o nome de "repetição intensificadora" com a função de "intensificar aspectos semânticos do item repetido". Encontramos 47 (quarenta e sete) exemplos deste caso (62:32, 269:2, 369:13). Exemplos:

Ex.40 L2 -----
aquela chuva **fininha... fininha... fininha...** desanimava inteiramente de sair -----
(NURC-RJ/369)

Ex.44 L1 **é enorme... é enor::me**
(NURC-RJ/369)

Ex.49 L2 -----
... **carloca** já é mais folgado **carloca::...** -----
(NURC-SP/62:154)

Ex 80 L1 -----
o teatro está sucumbindo o teatro... está sucumbindo -----
(NURC-SP/62: 1329-1330)

(81) L1 e tudo mais não existe aquela rigiDEZ aquele controle di/
diÁRIO
L2 **certo certo...** e você pretende continuar com isso?
(NURC-SP/62:322-324)

Em (81) temos reforço de marcador conversacional.

(82) L2 eu não sei porque:: **talvez talvez...** o o fato fato da da...
desse campo de pesquisa que é realmente um pouco
ingrato né?

- (83) Doc. ... é realmente **muito muito** ruim a situação para para para o professor...
(NURC-SP/62:1611-1613)

Causa 47: O falante repete devido a uma comparação feita. Encontramos 3 (três) exemplos desse caso (62:2, 369:1). Exemplos:

- Ex.40 L1 -----
o Brasil **sempre faz calor... e de vez em quando faz frio**

(NURC-RJ/369)

- (84) L1 certo? agora em termos de cultura... é muito mais interessante você **assistir... essa peça do que assistir... do que assistir** talvez o que eu poderia classificar assim uma uma chanchada água com açúcar... -----
----- (vide cont. no ex. 73) -----
(NURC-SP/62:1352-1355)

- (85) Doc mudando um pouquinho assim o pessoal que trabalha éh... está certo que a dificuldade é um pouco parecida mas o **pessoal que trabalha em cinema** é meio diferente um pouco não é? **do pessoal que trabalha em:: teatro ou não?**
(NURC-SP/62:1480-1483)

3.2.5. Auto ou hétero-repetição não exclusivamente de língua oral

Causa 48: Para "explicitar o tópico da nova seqüência e assegurar a coesão das seqüências do discurso". Esta causa foi proposta por RAMOS (1985) com o nome de "repetição distribuidora" e como atuando no nível da sentença. Encontramos 9 (nove) exemplos desse caso no inquérito NURC-SP/62. Como se poderá ver no exemplo (87), nem sempre o nível de atuação dessa causa é a sentença, pois ela pode ocorrer de um turno para o outro. Exemplos:

- (86) Doc. ((pigarreou)) no caso da Engenharia haveria assim algum:: campo da Engenharia que é mais procurado vocês não conhecem?... você falou que você conhece engenheiro... eletrotécnico né?... que normalmente vai fazer o estágio FOra...
L2 fora normalmente ele faz e sempre financiado ela **empresa... a empresa** tem interesse que ele faça isso
(NURC-SP/62:1009-1015)

- (87) L1 é porque à medida que que... houver... certo? houver assim:: uma ne/ necessidade muito grande... e tiver uma aplicação... GRANde também em termos de mercado... aí o negócio é capaz de começar a baratear... por enquanto ele é um:: monstro sagrado né?... então ele realmente custa caro... são equipamentos caríssimos né?... mas à medida que ele for barateando... então você vê que o::... o:: empresário médio:: MESmo o empresário pequeno já POde... não diria em termos de um computador grande mas ele pode ter um minicomputador... mas tudo vai em virtude da da **necessidade** que ele vai sentir...
- L2 e:: haveria **necessidade**... dentro digamos desse na manu/ na::... no funcionamento desse minicomputador... um elemento técnico ou pe/ precisaria ser um engenheiro?
- L1 não aí precisaria ser um técnico mesmo certo? uhn:: para fazer funcionar o aparelho... isso seria um técnico... agora éh:: o outro lado da pesquisa desenvolver os computadores tudo isso isso isso já seria área de
- L2 ()
- L1 engenharia...

(NURC-SP/62:1064-1086)

Causa 49: O falante repete o que representa uma espécie de preocupação sua na vida, naquela conversação ou parte dela. TANNEN (1985:28, 29) coloca esta causa. Para nós esta causa pode ser psicológica mas também informacional se o que é preocupação representa o tópico ou assunto da conversação ou de parte dela. Se algo é preocupação do falante em sua vida é difícil determinar a não ser que o conheçamos bem ou analisemos muitas conversações em que ele tomou parte ativa. Já preocupações de caráter psicológico numa conversação ou trechos dela podem ser percebidos (vide exemplos 88, 89, 90). As repetições devidas ao fato de que o que se repete tem a ver com o tópico ou assunto são claramente percebidas (vide exemplos 91 a 95) e são inúmeras as repetições que se explicam por esta razão. Estas repetições têm um papel evidente no estabelecimento da coesão e coerência textuais o que faz com que esta causa tenha também uma natureza textual. Nos exemplos abaixo, todos do inquérito NURC-SP/62, não transcrevemos os trechos, mas indicamos apenas o que se repete e a localização do trecho no inquérito.

- (88) Linhas 176 a 195: "que que você acha" aparece 5 vezes. Revela a preocupação de L2 em saber a opinião de L1.
- (89) Linhas 340, 399, 482 e 765: aparece a idéia de visão global que o estudo deve dar, revelando que isto é uma preocupação de L1. Palavras que se repetem: "visão global", "visão geral".

- (90) Linhas 662, 797-799, 858 e 860: repete-se a palavra "especialização" e flexões, revelando a preocupação do documentador com essa questão.
- (91) Linhas 1 a 175 - o tópico discursivo é o "clima":
1 a 77 - clima de São Paulo: "clima" (7 vezes), "tempo" (8 vezes)
78 a 119 - previsão do tempo: "tempo" (3 vezes)
120 a 175 - comparação do clima de São Paulo com o de outros lugares: "clima" (10 vezes)
- (92) Linhas 335 a 377 - tópico: alternativas de curso a fazer: "curso" e flexões (14 vezes).
- (93) Linhas 176 a 204 - tópico: poluição: "poluição" (9 vezes)
- (94) Linhas 1179 a 1236 - tópico: problemas da advocacia: "advogado" (8 vezes).
- (95) Linhas 1235 a 1265 - tópico: acumulação de diplomas: "acumular" e cognatos (5 vezes).

3.3. Observações gerais sobre as causas da repetição

TANNEN (1985:34-41) sugere que os diferentes usos da repetição podem ser subsumidos pelas categorias (funções) de **produção**, **compreensão** e **envolvimento interpessoal**. Embora o número de usos apontados por TANNEN seja bem menor que os propostos nas causas 1 a 49 estamos de acordo com ela.

Para TANNEN (1985:34-36) as repetições na **produção** surgem porque permitem ao falante poder "prosseguir verbalizando antes de decidir exatamente o que dizer a seguir" e também porque repetir estruturas e idéias acrescentando-lhes pequenas "porções" de novidade (vide repetições com modificações) permite ao falante conduzir a conversação com bem menos esforço.

TANNEN (1985:37, 38) diz que a repetição facilita a **compreensão** porque propicia um discurso semanticamente menos denso e mais coeso. Coesão que permite ver como os enunciados e idéias do discurso estão interligados e interrelacionados. As repetições constituem uma espécie de "espaço morto" e de redundância do qual se beneficiam o falante (para pensar o que dizer a seguir) e o ouvinte (para processar e absorver a informação na taxa em que o falante a produz). Para evidenciar o papel da repetição conversacional na compreensão, TANNEN propõe compararmos a facilidade com que processamos as informações de uma conversação com a dificuldade que temos em acompanhar uma conferência lida, onde não aparecem repetições e o benefício cognitivo que elas propiciam.

TANNEN (1985:38, 39) também coloca que a repetição é usada para estabelecer **envolvimento entre os interlocutores** pela criação (real ou apenas suposta) de um universo de discurso partilhado, preservando a face positiva²⁹ dos participantes da conversação, pois a repetição mostra aprovação, aceitação (não no sentido de concordância com as idéias, mas num sentido social) e que o outro está sendo ouvido, dando assim, à fala, um caráter de familiaridade. Tudo isto se faria no nível das metamensagens que seria o nível no qual mensagens sobre relacionamentos são comunicados.

Finalmente TANNEN (1985:39-41) diz que a repetição serve para tornar a conversação coerente na medida que "o discurso tem sucesso em comunicar seu significado através de estruturas convencionalizadas. A familiaridade das estruturas faz o discurso e seu significado parecerem coerentes". Uma metamensagem de relacionamento entre os comunicadores é veiculada: eles são lembrados pela repetição "que eles compartilham aquelas convenções e conseqüentemente são membros da mesma comunidade".

Conforme indicamos em 3.2, alguns tipos de causas só aparecem na língua oral, outras só na escrita, outras tanto na oral quanto na escrita. Aquelas decorrem diretamente de características particulares de como o texto oral e especificamente o conversacional se constituem e não podem, obviamente, aparecer na escrita. Assim, por exemplo, repetições devidas a hesitações de qualquer tipo, a correções de si mesmo ou do outro, à natureza sonora da língua oral não ocorrem no texto escrito devido ao planejamento maior que elimina hesitações e falhas. Todas as repetições decorrentes da presença e/ou interferência imediata do interlocutor³⁰ não podem aparecer no texto escrito, porque o interlocutor aí só existe de modo virtual. Evidentemente não entram aqui reproduções escritas de diálogos. Além disso é bom lembrar que o escritor pode simular um diálogo direto com o leitor, criando um paralelismo com a língua oral que pode resultar em repetições próprias desta modalidade de língua.

A transferência de textos orais para a língua escrita implicará o desaparecimento das repetições próprias da língua oral e/ou sua substituição por recursos próprios da modalidade escrita. TANNEN (1985:11) afirma que na passagem do oral para o escrito as repetições precisas são freqüentemente eliminadas enquanto paráfrases podem ser adicionadas. Tudo isto, e outras colocações feitas neste estudo, pode ser tomado como evidência da postura de que língua oral e língua escrita não são duas realidades claramente distintas e divisas, mas que, na realidade,

29. Vide MARCUSCHI - 1987.

30. Aqui se incluem, por exemplo, todas as repetições ligadas a questões de turno (tomada, manutenção) e todos os tipos de repetição exclusivamente hétero.

constituem um continuum em cuja extensão encontramos diferenças resultantes sobretudo de questões de planejamento, dos diferentes meios usados (sonoro/passageiro ou visual/permanente) e dos diferentes graus de interação entre produtor (falante, escritor) e receptor (ouvinte/leitor) do texto.

É interessante observar que muitos tipos de repetições podem constituir uma espécie de seqüência. É o caso por exemplo dos tipos de seqüência que podem surgir a partir do que especificamos em (96).

- (96) 1 - A diz algo
 2 - B questiona com (causas 33 ou 40) ou sem repetição.
 3 - A repete o que disse em 1 ou parte do que disse em 1 por uma das seguintes causas: 18, 20, 32, 35.

Já dissemos no início de 3 que uma mesma repetição pode se dever a várias causas por preencher diferentes funções e que isto problematiza a análise. Na verdade, se considerarmos os papéis da repetição na produção e compreensão por um lado e no estabelecimento da coesão e coerência textuais por outro, somos levados a reconhecer que cada repetição tem no mínimo duas razões de ser. Se passamos a considerar as causas de 3.2, veremos que uma repetição, muito freqüentemente, tem vários papéis dentro da constituição do texto oral e/ou conversacional. Abaixo damos dois exemplos em que a repetição pode, perfeitamente, ser explicada por mais de uma causa: em (97) a repetição se deve tanto à causa 9 quanto à causa 17; em (86) a repetição abaixo explicitada pode ter sido motivada pelas causas 19, 26 e 30.

- (97) L1 mas... pelo que me consta... TUDO é importado ainda... não existe NADA assim...
 L2 nada nosso...
 L1 por enquanto desenvolvido aqui... e é o tal negócio porque você vê... a máquina tributária hoje em dia aí... então as pessoas ahh:: precisam ter aí um::... uma parte administrativa bem precisa... (certo?) diNÂMica... para poder atender:: responder as perguntas à altura e tudo mais... e para ter um controle mais rápido...
 Doc. e em outros... **campos**...
 [e... o desenvolvimento e a produção né?
 L1
 Doc. e em outros **campos** assim... por exemplo ligado à construção... ou então...

(NURC-SP/62:1087-1099)

- (86) Doc. -----
 que normalmente vai fazer o estágio FOra

L2 **fora normalmente ele faz e sempre financiado pela empresa... a empresa tem interesse que ele faça isso**
(NURC-SP/62:1012-1015)

OBS: Aqui a atualização de cena é de informações que aparecem às linhas 920-922 e 928-929.

A repetição sublinhada no exemplo 4 parece se dever tanto à causa 13 quanto à causa 46. Vimos também que várias das repetições pela causa 14 são simultaneamente motivadas pela causa 24 - (vide exemplo 30). cremos que esses exemplos são suficientes para deixar claro o que afirmamos sobre a multiplicidade de funções e causas das repetições.

Cumpramos lembrar ainda a possibilidade de que, ampliando a quantidade e o tipo de material de língua oral analisado, talvez se encontre mais alguma causa que motive repetições na língua oral e na conversação em particular. Além disso outros arranjos classificatórios sempre são possíveis, mas o que aqui apresentamos resultou, conforme já lembramos alhures, do enfoque conversacional e interacional que é o centro de nossa abordagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, achamos importante registrar três fatos observados a respeito das repetições na conversação e língua oral de um modo geral.

Em primeiro lugar nota-se que, na maioria das repetições por causas conversacionais e nas auto repetições não conversacionais³¹ e ao nível da frase, a primeira ocorrência do segmento repetido apresenta alongamento de sons finais ou truncamento (corte lexical) e/ou é seguida de pausa. Retirados os casos em que os segmentos repetidos estão sobrepostos e os casos em que nossa percepção auditiva não registrou alongamento, truncamento ou pausa (vide causa 11), teríamos estes fenômenos em mais de 50% (cinquenta por cento) dos casos e, se nos ativermos apenas às causas conversacionais, numa média de 70% (setenta) por cento dos casos. A pausa sozinha ou combinada com alongamento ou truncamento ocorre numa média de 50% (cinquenta por cento) dos casos por razões conversacionais.

31. As causas conversacionais são as decorrentes de fatos diretamente ligados à estrutura e características da conversação e também da língua oral de modo geral (Cf. classificação das repetições no item 2, primeiro critério: 2.1.1.). As não conversacionais são as não decorrentes de fatos diretamente ligados à estrutura e características da conversação e também da língua oral de modo geral (Cf. classificação das repetições no item 2, primeiro critério: 2.1.2.).

A segunda observação refere-se ao número de vezes que o segmento repetido aparece. Se considerarmos as repetições por razões conversacionais e as auto-repetições não conversacionais ao nível da frase, nota-se que, numa média de 90% (noventa por cento) dos casos, o segmento repetido aparece 2 (duas) vezes. Por razões conversacionais não encontramos repetições em que o segmento aparecesse 4 (quatro) vezes ou mais e os exemplos com 3 (três) ocorrências do segmento repetido são poucos.

A terceira observação refere-se ao fato de que determinados falantes apresentam tendência para o uso de certos recursos (como um tipo de repetição, por determinada causa) que se tornam características de seu estilo pessoal. É o que observamos no inquérito NURC-SP/62 com relação ao uso pelo locutor 1 das repetições motivadas pela causa 11: dos 110 exemplos desse tipo de repetição ocorridas na conversação, 91 foram produzidos pelo locutor 1.

Aqui é preciso levantar a hipótese de que estilo pessoal e tipo de conversação podem criar tendência para o uso de certos tipos de repetição. Acabamos de lembrar um caso de estilo pessoal. É preciso conferir se há interrelação entre tipos de repetição e fatores tais como:

- a) a conversação ser simétrica ou assimétrica;
- b) os interlocutores de um modo geral concordam ou discordam sobre o tópico ou assunto da conversação;
- c) os interlocutores se conhecem bem ou não;
- d) os interlocutores conhecem bem o assunto ou não, estão seguros ou não sobre o que falam;
- e) os turnos dos falantes são longos ou curtos e porque são longos ou curtos;
- f) interlocutores mais "educados" em termos de tomada de turno e da palavra ou mais afoitos;
- g) etc.

Diante de tudo isto fica clara a necessidade de se analisarem conversações de variados tipos, com um mesmo enfoque, para depois, cruzando os resultados de vários estudos, poder estabelecer coisas tais como a proporção de ocorrência de cada tipo de repetição em relação aos demais. É por esta razão que não nos preocupamos aqui com o estabelecimento de tais proporções e quantificações. Nossa preocupação foi estabelecer as funções e razões da ocorrência de repetições na conversação e na língua oral de um modo geral. Cremos ter atingido este objetivo e também revelado existirem, na língua oral, repetições decorrentes da forma oral, além de outras regularidades.

Campinas/Uberlândia, junho de 1988

BIBLIOGRAFIA

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. I. *Eloquções formais*. São Paulo., T.A. Queiroz Editor/FAPESP, 1986. 111 pp.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. II. *Diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor/FAPESP, 1987. 264 pp.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Curso: LL 217 - Tópicos em gramática: Estruturas argumentais do Português oral*. Campinas, IEL/UNICAMP/ Programa de doutorado em Linguística, 1º semestre de 1988. (Notas pessoais de aula do autor deste estudo).
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres, Longman, 1976.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Principais mecanismos de coesão textual em Português*. Campinas, xerox de inédito, 1988. 8 pp. (A sair no "Cadernos de Estudos Linguísticos" - UNICAMP).
- LEVINSON, Stephen C. "Conversational Structure" cap. 6 de *Pragmatics*. London, Cambridge University Press, 1983: 284-370.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo, Editora Atica, 1986. 94 pp.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Marcadores conversacionais no Português brasileiro: formas, posições e funções*. Recife/Freiburg, Cópia xerográfica de inédito, 1987. 27 pp.
- RAMOS, Jânia M. "*Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado*". Xerox de inédito, 1985. Versão resumo da dissertação de mestrado da autora defendida no IEL/UNICAMP - Campinas, 1983, 20 pp.
- TANNEN, Deborah. "Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation". Georgetown University. Submitted to *Language*, abril 1985 (xerox de inédito). 54 pp.